



TERRITORIALIDADES AMBULANTES

IMIGRAÇÃO, CIDADE E INFORMALIDADE

Este caderno consiste no Trabalho Final de Graduação de Nathalia Nascente de Lima na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

O trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Guilherme Wisnik e concluído em junho de 2019.

agradeço

ao meu orientador, Guilherme Wisnik, por ter me guiado tão precisamente nessa investigação ambulante - que perambulou por alguns caminhos antes de chegar aqui. Este presente trabalho não teria sido o destino se não fossem nossas conversas;

à querida e sempre presente professora Ana Lanna. Sou muito grata por tê-la tido como orientadora durante minha graduação e ter, sempre que escrevo, nossas discussões presentes em minha mente - esse trabalho também não existiria sem elas.

à professora Marina Grinover, a primeira a me ouvir e trazer ideias para esse TFG. Fico muito contente de tê-la presente em minha banca de graduação.

à FAU, por ser o (lindo) caminho pelo qual cruzei com pessoas que tanto me ensinaram: professores, amigos, colegas, funcionários e pesquisadores;

ao Otávio, grande amigo e parceiro nessa e em outras pesquisas, por ser uma fonte de inspiração e inteligência; por não me deixar ir sozinha perambular pelo Brás;

à Thali, amiga e companheira de todos os dias. Obrigada por sempre me impulsionar a ser o melhor de mim;

à Bia, pela amizade durante cada dia desses seis anos e meio; ao Paulo, à Marina, à Ju, à Juju e à Bia: foi lindo construir minha graduação junto à vocês. Obrigada por tanto;

ao Lucas, Bito, Matheus, Pedro, Claras, Lu, Gi... Leros! E todos os outros amigos que me atravessaram nessas rampas, pranchetas e répiauers; à quem devo muitos aprendizados.

aos amigos de Lille: como foi bom me reconhecer em tantas partes do Brasil e do mundo;

aos meus amigos e amigas da vida e do coração: Dani, Lelê, Rafa, Dri, Helô, Bel, Dani Nuss, Ana, Marcela, Ju, Isa, Ka, Luiz, Hermann, Binho e Dani Korn; obrigada por estarem sempre presentes e serem fonte de carinho e inspiração;

ao meu irmão, por compartilhar o gosto por design e fotografia comigo; à minha irmã, por ser um exemplo de força e determinação; aos meus sobrinhos, cunhados, primos e tios. Obrigada por todo o amor e a dedicação.

à minha mãe, por trazer tanta poesia e sensibilidade para a minha vida.

ao meu pai, pelo tanto que acredita em mim e pela coragem que me ensinou a ter.

aos caminhos que estou trilhando para além das rampas da FAU; à todos os arquitetos do SIAA, por todos os aprendizados; e aos Bijaris, por serem fonte diária de inspiração, conhecimento e alegria.

Esse trabalho parte, naturalmente, de inquietações que me atravessaram durante o longo e rico processo de graduação na FAU USP; especialmente aquelas que afetaram meu modo de perceber a cidade.

Talvez, percepções sensibilizadas não apenas pelo contato com grandes projetos das disciplinas de arquitetura e urbanismo, mas por uma ampliação do meu olhar para os processos e movimentos que conformam e transformam, a cada momento, o espaço construído - tanto no campo físico como no campo simbólico.

Por isso, que eu busco, neste trabalho, enxergar a cidade também naquilo que ela engendra, além da materialidade apreensível: manifestações e processos que atravessam o conjunto edificado e ressignificam experiências urbanas.

Eu nasci e cresci em São Paulo, uma cidade bastante inapreensível. Dispersa, heterogênea, efêmera. São Paulo possui, em inúmeros aspectos, atributos de uma cidade genérica. Aqui é marcante a presença de edifícios e urbanidades herméticas em relação ao espaço público. Este, geralmente resume-se a um espaço de deslocamentos, reconhecidos não pela geografia que atravessam, mas pelo tempo que levam para serem percorridos.

Assim, pode-se concordar com alguns autores que afirmam que a experiência da cidade contemporânea é limi-

tada ou mesmo está perdida.⁰¹ Afinal, é uma tarefa difícil reconhecer as identidades e memórias do corpo urbano quando este é percebido a partir do movimento; além de ser, também, dominado por forças mercadológicas não necessariamente locais.

01. AGAMBEN, Giorgio apud JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. EDUFBA, 2012.

Desde o início da minha graduação, portanto, permaneci curiosa em relação à capacidade da arquitetura e do urbanismo em definirem e/ou influenciarem a vivência urbana. E, em contrapartida, o quanto a cidade cotidiana, nas brechas dos grandes projetos, alimenta o ambiente construído.

Essas indagações ganharam força e me levaram a escolher a população estrangeira como objeto principal da minha pesquisa, quando percebi a importância dos encontros culturais entre diferentes para a construção física e simbólica do que entendemos por cidade.

Durante meu intercâmbio, no terceiro ano da graduação, aonde tive a oportunidade de conhecer cidades que considero “apreensíveis”, exemplos de urbanismo e arquitetura - como Paris ou Amsterdam - tive, também, uma experiência acadêmica, e bastante pessoal, de vivência em uma urbanidade informal bem específica: o campo de refugiados Jungle de Calais, no norte da França.

Diferente de toda paisagem urbana que eu estava conhecendo durante aqueles meses, com uma arquitetura marcante e uma cultura material expressiva e cultivada; a Jungle de Calais revelou-se como um contraponto à matéria permanente da escala do edifício, aonde barracas improvisadas permitiram a consolidação de uma experiência urbana extremamente rica.

02. O “manifesto retroativo”, foi definido por Koolhaas como uma mistura entre manifesto arquitetônico e interpretação urbana.

Um texto sobre uma elaboração urbana existente que não havia sido projetada (ou mesmo, desejada) mas da qual ainda poderia-se extrair fontes para a revitalização da cidade formal.

Ver: KOOLHAAS, Rem. Nova York Delirante. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

A multiplicidade cultural dos habitantes e voluntários do campo e a maneira como suas identidades foram reproduzidas como modo de sobrevivência e integração - a partir da construção de restaurantes, mercearias, casas de banho, escolas, igrejas e mesquitas - geraram uma dinâmica citadina que simultaneamente retomava costumes originais de certas culturas e também consolidava, a partir do encontro entre elas, novas práticas.

A compreensão do campo de refugiados, intrinsecamente provisório, como uma potencialidade urbana, me permitiu olhar mais atentamente para processos de territorialização que ocorrem de forma efêmera e em uma pequena escala - ancorados por uma simples barraca ou por um forno de barro.

Foi a partir desse olhar que me propus a investigar, neste presente trabalho, territorialidades ambulantes: experiências urbanas efêmeras ou ocasionais nas quais a presença de imigrantes é marcante - que recorrentemente concedem à cidade contemporânea novas identidades e significados.

Uma ideia, talvez ambiciosa, é construir aqui um manifesto retroativo - assim como Rem Koolhaas fez de Nova Iorque, ou o coletivo PEROU-Paris, do qual fiz parte, fez da Jungle de Calais⁰² - de urbanidades parasitas e provisórias construídas no tear dos movimentos humanos contemporâneos, como possibilidades de ressignificação do espaço urbano genérico e de deslocamentos.

Para isso, escolhi me debruçar sobre bibliografias contemporâneas, majoritariamente do século XXI e de autores não necessariamente do campo da arquitetura; e propor

uma abordagem fortemente visual por meio de de fotografias, que representam processos e dinâmicas difíceis de serem cartografados.

Minhas escolhas fazem parte da intenção de propor outros pontos de vista para a arquitetura e o urbanismo que enxergam o corpo urbano e seus edifícios não como algo estático, e sim como um momento contido no movimento: nos deslocamentos humanos, nos processos de reterritorialização, nas transformações da história urbana.

16 INTRODUÇÃO

22 MIGRAÇÕES
CONTEMPORÂNEAS

34 METRÓPOLES
VOLÁTEIS

48 URBANIDADES
CLANDESTINAS

70 ETNOPAISAGENS
NO BRÁS

86 MERCADO
DE CULINÁRIA
ESTRANGEIRA

"We were making sand castles. Now we swim in the sea that swept them away."

"Nós estávamos construindo castelos de areia. Agora nós estamos nadando no mar que os dissipou."

- REM KOOLHAAS, 1995

WHATEVER HAPPENED TO URBANISM



Devido à atual intensidade de fluxos e interações globais e à maior frequência com que os grupos migram, o ser humano contemporâneo, fundamentalmente desterritorializado⁰³ pode reconstituir sua identidade e produzir localidades nos mais variados territórios espaciais ou mesmo virtuais.

As cidades vão perdendo, cada vez mais, seu caráter estruturador de identidades sob signos comuns, e passam a ser compostas por localidades derivadas do movimento - dos fluxos de pessoas, imagens e produtos. E assim, o tempo dos lugares, ou de enraizamento nos lugares passa ter outra dimensão.⁰⁴

Nesse mundo aonde a imigração e o deslocamento é mais prática definidora da vida social do que exceção, a atuação das pessoas em trânsito (imigrantes, viajantes, nômades) no ambiente urbano provoca novos usos e reproduz identidades múltiplas no espaço construído, mesmo que em uma temporalidade efêmera.

É necessário, portanto, repensar a ideia dominante de cidade - construída principalmente a partir de uma visão europeia - a partir das mais recentes formas de ocupação, operação e reprodução de hábitos e identidades no espaço urbano, principalmente por aqueles que estão a margem do sistema, envolvidos em deslocamentos forçados.

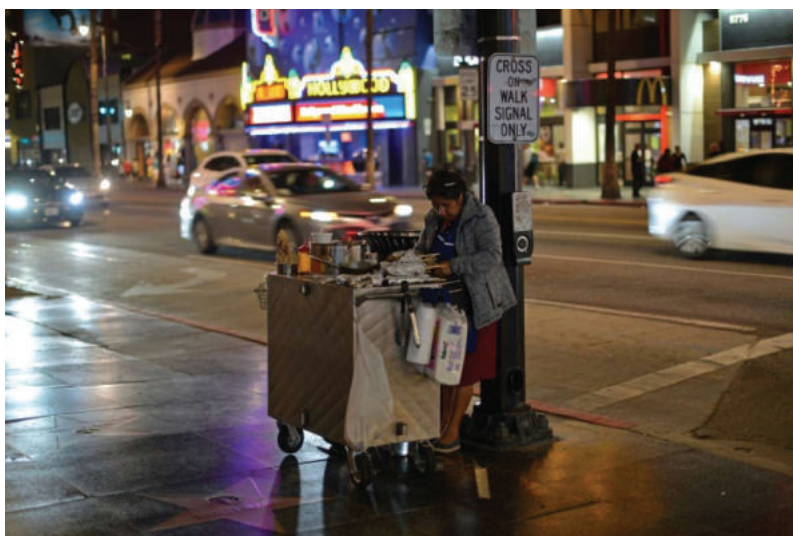
03. GUATTARI, Felix. *Caosmose; um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, 1992.

04. BOGÉA, Marta. *Cidade Errante*. Senac, São Paulo, 2002.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
- 05** Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
- 07** Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
- 08 09** Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
- 11 15** Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
- 13** Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
- 14** Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
- 16 17** Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
- 18 19 20** Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
- 05** Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
- 07** Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
- 08 09** Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
- 11 15** Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
- 13** Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
- 14** Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
- 16 17** Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
- 18 19 20** Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21** Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23** Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25** Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26** Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27** Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29** Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33** Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36** Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21** Comércio artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23** Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25** Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26** Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27** Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29** Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33** Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36** Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
- 05** Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
- 07** Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
- 08 09** Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
- 11 15** Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
- 13** Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
- 14** Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
- 16 17** Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
- 18 19 20** Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.



- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima. 2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
- 05** Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
- 07** Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
- 08 09** Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
- 11 15** Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
- 13** Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
- 14** Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
- 16 17** Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
- 18 19 20** Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 21 Comércio artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23 Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25 Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26 Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27 Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29 Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33 Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36 Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.




- 01 02 03** Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.



- 01 02 03 Vendedores ambulantes mexicanos em Los Angeles, Estados Unidos. 2019. Augustin Pellier.
 05 Autoconstruções em Tijuana, na fronteira entre Mexico e Estados Unidos. 2017. Teddy Cruz.
 07 Vendedora ambulante de alimentos vindos da zona rural do Vietnã em Hanoi, Vietnã. 2007. Pola+Alad.
 08 09 Feira clandestina de la Salada em Buenos Aires, Argentina. 2015. Sara Pabst.
 11 15 Mercado de rua em Cotonou, Benin. 2017. Guilherme Wisnik
 13 Mercado no cruzamento de rodovias em Lagos, Nigéria. 2001. Documentário "Lagos Wide and Close".
 14 Mercado de rua em Lagos, Nigéria. 2017. Guilherme Wisnik.
 16 17 Vendedores e trabalhadores ambulantes em Lagos, Nigéria. 2009. Charlie Koolhaas.
 18 19 20 Bolivianos na Feira da Kantuta, em São Paulo, Brasil. 2015. Caio Guatelli.

- 21** Comércios artesanais de indígenas Warao venezuelanos em Boa Vista, Roraima.2016. Marcelo Mora
- 22 23** Comércio e acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, Roraima, 2018. Yolanda Mene.
- 25** Comércio ambulante de vestimentas africanas na Praça da República em São Paulo. 2019. Heitor Salatiel.
- 26** Estabelecimento africano na Galeria Presidente, em São Paulo, Brasil. 2016. Marcos Muniz.
- 27** Acampamento de refugiados na margem do canal Saint Denis, em Paris, França. 2018. Silvano Mendes
- 29** Acampamento de refugiados em Roma, Itália. 2018. André Naddeo.
- 30 31 33** Autoconstruções de lojas e abrigos no campo de refugiados Jungle de Calais, França. 2016. PEROU-Paris.
- 34 35 36** Mercados africanos no bairro de Chateau Rouge, em Paris, França. 2016. Boui Boui.

MIGRAÇÕES
CONTEMPORÂNEAS

A solid red square is positioned to the right of the text, partially overlapping the words 'MIGRAÇÕES' and 'CONTEMPORÂNEAS'.

Instalação "Odisséia" do artista chinês Ai Wei Wei, de 2017.

O projeto de pesquisa do artista também chamado Odisséia iniciou-se em 2015, examinando as circunstâncias históricas, políticas e sociais da crise de refugiados mais recente em diversos campos de refugiado ao redor do mundo.



05. APPADURAI, Arjun. Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias, 2004.

06. Dados da Agência da ONU para refugiados (ACNUR), divulgados em 19 de junho de 2018. CAZARRÉ, Marieta. Número de refugiados bate novo recorde e atinge 68,5 milhões. Agência Brasil. Junho 2018.

07. Dados da ONU, divulgados em 9 de março de 2018. "Guerra da Síria completa 7 anos em março com rastro de tragédia para civis, diz ONU." Nações Unidas Brasil. Março 2018.

Há muitos séculos, o mundo é um conglomerado de interações em larga escala, mas hoje, com o aprofundamento da globalização, de processos translocais e sistemas mundiais associados ao capitalismo, somados ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, as interações são de uma nova ordem e de forte intensidade.⁰⁵ Neste contexto, as migrações e os movimentos humanos ocorrem com mais frequência, sejam elas de atração ou de repulsa.

Nos últimos anos houve um crescimento exponencial das migrações de repulsa; ou seja, deslocamentos causados por situações de guerras, conflitos, perseguições, desastres ambientais, fome, miséria ou falta de oportunidades. Em 2013 o número de pessoas forçadamente deslocadas passou, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, de 50 milhões de seres humanos. Em 2017 esse número chegou a mais de 69 milhões - que representa, aproximadamente, toda a população da França ou do Reino Unido. Do total de deslocados, 25,4 milhões eram refugiados, 40 milhões, deslocados internamente à seu próprio país de origem e 3,1 milhões, requerentes de asilo, aguardando o status de refugiado.⁰⁶

Dentre os principais motivos para o aumento substancial em deslocamentos forçados estão as consequências da Primavera Árabe - série de revoltas nos países do norte da África e do Oriente Médio contra governos ditatoriais, que geraram instabilidade política, econômica e social nessas regiões e eclodiram conflitos duradouros, como a Guerra da Síria, que até 2018 havia forçado mais de 5,6 milhões de pessoas a deixarem o país.⁰⁷ Ainda na região do Oriente Médio, os conflitos persistentes no Afeganistão, Irã e Iraque - agravados com a "Guerra ao Terror" americana - produziram

milhares de emigrantes e refugiados nas últimas décadas.

Na África, governos ditatoriais, fundamentalistas ou genocidas como os da Eritreia, do Sudão ou da Nigéria são responsáveis pelo deslocamento de milhares de pessoas; assim como conflitos armados persistentes, como na República Democrática do Congo ou no Sudão do Sul. Na América do Sul, a instabilidade política, econômica e a exclusão social na Bolívia e na Venezuela, notadamente nos últimos anos, também vêm forçando enormes levadas populacionais a se deslocarem continuamente.

Além do recorde quantitativo, o caráter das migrações contemporâneas também tem sido alterado. Uma das mudanças importantes foi a intensificação das migrações Sul-Sul - deslocamentos nos quais a origem e o destino são países do Hemisfério Sul, caracterizados como “em desenvolvimento” - potencializada pela decisão de alguns países europeus e dos Estados Unidos de fecharem suas fronteiras. Países do Sul com economias mais expressivas como o Brasil ou a África do Sul viraram focos desses novos movimentos. No Brasil, por exemplo, entre 2010 e 2016, o número de migrantes aumentou 20%; dos quais quase um terço veio da própria América do Sul.⁰⁸

Esses deslocamentos forçados, geralmente clandestinos - devido ao fato de serem, em sua maioria, “migrações de crise” ou “migrações de sobrevivência”⁰⁹ - não se integram diretamente aos fluxos humanos produzidos pela lógica capitalista (financeiros, intelectuais ou de mão de obra). São, de certa forma, o refúgio desta própria lógica; assim, diferenciam-se das levadas de migrações, também substanciais, dos séculos XIX e XX.

08. Dados do Observatório de Migrações da UNICAMP. ALVES FILHO, Manuel. VILLEN, Gabriela. As novas faces das migrações internacionais. *Jornal da UNICAMP*. Julho de 2018.

09. Essas definições são trazidas pela pesquisadora Rosana Baeninger. A “migração de sobrevivência” é definida por deslocamentos que fogem da fragilidade estatal, em países onde os estados não são capazes de fornecer garantias mínimas de sobrevivência ou proteção de direitos. Já a “migração de crise” é uma resposta a combinação de fatores sociais, políticos, econômicos e ambientais que podem ser provocados por um evento extremo, mas não são causados por ele. Como países em que catástrofes naturais ou conflitos armados tensionam vulnerabilidades sistêmicas pré-existentes e provocam, então, o deslocamento de pessoas. (Ver: BAENINGER, Rosana et al. *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó-NEPO/ UNICAMP, 2018.)

Tanto no Brasil como na Europa e em toda a América, as imigrações do final do século XIX e início do século XX, se colocaram como parte fundamental do processo de construção nacional de cada país. Recebidas a partir de políticas de caráter assimilacionista, a chegada de populações estrangeiras em território nacional construía significados que corroboravam com um projeto geral de nação. Seja por representarem a mão de obra que trazia a modernização para o país ou, como é claro no caso do Brasil, por trazerem certos tipos de modos de vida valorizados na idealização da sociedade moderna nacional.

Nessa época muitos territórios étnicos foram constituídos nas cidades de cada país, a partir não só de uma ocupação e concentração estrangeira mas também de uma apropriação simbólica dos espaços, que os tornavam reconhecíveis no meio urbano. Até hoje, bairros constituídos nesse contexto, como a Liberdade ou o Bexiga em São Paulo, se colocam como representantes de uma cultura específica e por mais que suas populações tenham mudado, os aspectos simbólicos estão, de certa forma, congelados na época em que uma certa população participou do processo de construção da sociedade e do território nacional.

No contexto atual, a chegada das imensas levas populacionais de imigrantes, migrantes e refugiados continua tendo impactos substanciais no território; porém engendra condições territoriais que não necessariamente são condizentes com um projeto de nação ou mesmo de uma “sociedade global”. Essas novas territorialidades são, simultaneamente, produtos da globalização mas, ainda, estão à margem dela.

Muitas vezes materialmente frágeis e efêmeras, essas condições territoriais estão integradas ao tecido de conexões globais que produz o território de forma descontínua e excludente; uma vez que o capitalismo global tem, em seu cerne, a produção de refugio humano. (BAUMAN, 2005)¹⁰

Campos de refugiados, antes restritos as zonas desérticas principalmente na África e no Oriente Médio, chegaram, com as crises mais recentes, à centralidades europeias; como é o caso da Jungle de Calais, no norte da França ou o acampamento em Como, famoso balneário italiano. Ainda expressivamente menores dos que os campos africanos, o desenvolvimento de campos de refugiados na Europa Ocidental alterou a paisagem das áreas urbanas europeias, ao engendram dinâmicas urbanas duradouras simultaneamente paralelas e em diálogo com elas.

No campo francês apelidado de “Jungle de Calais”, em cerca de um ano entre 2015 e 2016, foram construídos não só abrigos, mas restaurantes, cafés, cozinhas comunitárias, bibliotecas, escolas, mesquitas, igrejas e centros culturais e de lazer, que possibilitaram aos seus quase 10 mil moradores, a constituição de uma territorialidade expressiva, mesmo que volátil, a poucos quilômetros da cidade histórica de Calais.

Cidades e capitais tradicionais como Roma e Paris também foram tomadas por acampamentos informais de imigrantes. Ocupando baixios de viadutos ou margens dos canais parisienses, os acampamentos em Paris chegaram a somar 3000 moradores. As margens do Canal St. Martin, um espaço público recentemente revalorizado turisticamente, teve boa parte da sua área ocupada por barracas e lonas.

10. A produção de « refugio humano », ou, mais propriamente, de seres humanos refugiados (os « excessivos » e « redundantes », ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. (...) A expansão global da forma de vida moderna liberou e pôs em movimento quantidades enormes e crescentes de seres humanos destituídos de formas e meios de sobrevivência. (Ver: BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Zahar, 2005.)

11. Informações de reportagens. CHAVES, Alan. COSTA, Emily. 10o abrigo para refugiados é aberto em RR e imigrantes são retirados das ruas. Globo. Julho 2018.

12. Dados do Observatório de Migrações da UNICAMP. ALVES FILHO, Manuel. VILLEN, Gabriela. As novas faces das migrações internacionais. Jornal da UNICAMP. Julho de 2018.

13. Como muitas vezes é definida pelo professor Alexandre Delijaicov.

14. Informações das reportagens: "Em SP, refugiados encontram em ocupação saída para a falta de moradia." Rede Brasil Atual. 21 de junho 2018. MACHADO, Leandro. Preço alto e burocracia em aluguel de casa levam imigrantes para ocupações sem teto. Globo. 5 de maio de 2018.

No Brasil, cidades com pouca capacidade de absorção da Amazônia brasileira foram impactadas por um fluxo expressivo de venezuelanos nos últimos anos, notadamente Boa Vista, em Roraima; cidade que chegou a acomodar cerca de 40 mil imigrantes em 2018, que ocuparam praças espaços públicos com acampamentos improvisados e lotaram abrigos humanitários. Apenas em 2018, foram abertos 9 deles na cidade, somando 11 abrigos no total.¹¹

Nas regiões centrais de São Paulo - cidade que registrou cerca de 300 mil imigrantes e refugiados nos últimos anos¹², ainda descontando os irregulares - também é notória a presença mais recente de africanos e latino-americanos nas ruas - como vendedores ambulantes de comidas e vestimentas ou pequenos empreendedores de restaurantes, mercadinhos e salões de beleza.

Com uma urbanização historicamente desigual e pouco ordenada, o caráter de "acampamento improvisado"¹³ da cidade de São Paulo deu lugar a construção de territorialidades migrantes em brechas urbanas já presentes e ocupadas pelas populações mais pobres e vulneráveis da própria cidade. Como é o caso dos bairros informais de Guaianases, na Zona Leste do município, hoje com uma presença representativa de nigerianos e haitianos ou de ocupações no centro da cidade, como a Ocupação Prestes Maia ou ainda da Rua Cesário Mota Junior - habitadas por bolivianos, congolezes, angolanos, guineenses e moçambicanos.¹⁴ Nestes lugares, muitos dos hábitos dos imigrantes, seus modos de reproduzir suas identidades e praticar o espaço, foram incorporados à paisagem urbana paulistana, transformando-a.

Já nas cidades africanas, os fluxos que mais alteram a

paisagem são os de deslocamentos internos - das zonas rurais às urbanas, que incham as metrópoles, ainda recentes, com ocupações informais. A exemplo da capital da Nigéria, Lagos, objeto de estudo no campo da arquitetura e do urbanismo ocidental há alguns anos - notadamente presente nas pesquisas do arquiteto holandês Rem Koolhaas - é uma das cidades que mais cresce diariamente em população atualmente.¹⁵Essas ocupações estão geralmente relacionadas a dinâmicas de economias e mercados paralelos que auto-regulam o território, tomado por barracas, camelôs e mercados improvisados.¹⁶

A partir da análise desses diferentes casos, fica evidente que os deslocamentos contemporâneos, na intensidade e na maneira com que ocorrem, conformam espaços que, de certa forma são emergentes e que colocam novas questões, novas problemáticas sobre a localidade, o local e sobre o modo de urbanizar, de fazer novos espaços urbanos.¹⁷

Mais do que nunca e mais rapidamente, as paisagens urbanas são transformadas por recorrentes processos de ressignificação de vidas humanas desenraizadas - das pessoas deslocadas que perderam o lugar ao qual estavam atrelados por atributos identitários, de relação e de memória - e de ressignificação dos territórios praticados por elas, aonde mobilizam estratégias de sobrevivência, pertencimento e de reprodução identitária, como serão apresentadas mais para frente.

Essas novas territorialidades¹⁸ - termo aqui utilizado para definir o conjunto de relações entre homem, espaço e tempo que constituem um território - diversificam-se e estabilizam-se, formando circunstâncias que vão permitir es-

15. Na década passada, Lagos absorvia cerca de 600 mil pessoas emigrando do oeste africano todos os anos. Ver: PACKER, George. The megacity: decoding the chaos of Lagos. The New Yorker, v. 13, p. 62-75, 2006. (<https://www.newyorker.com>)

16. KOOLHAAS, Rem. Harvard project on the city, 'Lagos'. Mutations. Barcelona: Actar, 2001. p.651-720

17. AGIER, Michel. O 'acampamento', a cidade e o começo da política. A rua. Espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa, Livros Horizonte, p. 17-25, 2008.

18. Pode-se definir a territorialidade como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional - sociedade, espaço, tempo. Essas relações tornam a formação do território um processo dinâmico, tendo em vista que os elementos que o constituem (homem, espaço, tempo) são suscetíveis à variações no tempo. 19. Ver: RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo, Editora Ática, 1993, p. 160-61.

ses processos de identificação mesmo que dentro de uma certa precariedade, de uma extraterritorialidade; como diz Zygmunt Bauman, espaços onde há uma certa perda de solidez, uma realidade mais "líquida", aonde as coisas são incertas, não são estáveis. (AGIER, 2008, p.19)

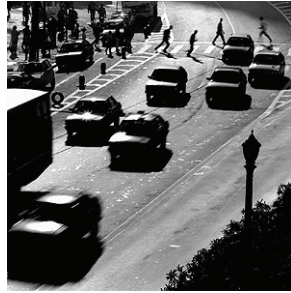
Porém, mesmo marginais e clandestinas, as presenças imigrantes em acampamentos urbanos, campos humanitários, ocupações, camelôs..., com uma instabilidade inerente, fazem parte de dinâmicas de construção do território características dessa realidade mais líquida do contexto global contemporâneo - nas quais as mudanças acontecem com maior velocidade, as situações são mais voláteis, os espaços são praticados de forma movente e certas populações são recorrentemente excluídas.

Ainda que em situações urbanas amplamente diversas, como é o caso de Paris, São Paulo ou Lagos - onde a clandestinidade esteve presente em diferentes modos e escalas ao longo de cada história urbana; muitas dessas territorialidades imigrantes recentes trazem a tona possibilidades de reconquista e experimentação de espaços geralmente relegados pelas metrópoles. Territórios que são ressignificados a partir da reprodução identitária, permitindo experiências de pausa na aceleração constante que rege as cidades contemporâneas - como é o caso das feiras étnicas nas ruas de São Paulo ou dos pequenos restaurantes abertos por refugiados em Paris.

ME T RÓPOLES
VOLÁTEIS

Fotos do Arte/Cidade 2 - projeto de intervenções urbanas - "A cidade e seus fluxos", que se deu em 1994 no Vale do Anhangabaú.

"A situação aqui não é uma localização, mas um deslocamento, um transitar entre as coisas. Tudo o que temos é uma zona sem traçado nem fronteiras." - Nelson Brissac



20. CACCIARI, Massimo. A cidade., Barcelona: GG, 2010.

21. HABERMAS, Jürgen apud ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. A ideologia do 'lugar público' na arquitetura contemporânea (um roteiro). O lugar da arquitetura depois dos modernos., 1993. p.117.

Para compreender como se dão os processos de reterritorialização de migrantes e seus variados impactos territoriais nas mais diferentes paisagens urbanas, é importante trazer um panorama de como se configura, territorialmente, a metrópole contemporânea; a partir das dinâmicas geradas por conexões tanto locais como globais, estejam essas dinâmicas no plano espacial ou virtual.

São principalmente os efeitos das dinâmicas globais no território que nos oferecem pontos comuns para analisar as cidades hoje, mesmo que em situações tão diversas - na América Latina, na África, na Europa... notadamente no que diz respeito a uma aceleração e homogeneização dos espaços urbanos.

“Estamos, agora, na presença de um espaço indefinido, homogêneo, indiferente nos seus lugares, onde se dão acontecimentos que se baseiam em lógicas que já não correspondem a um desígnio unitário de conjunto. E esses acontecimentos, enquanto tais, modificam-se com uma rapidez incrível.” (CACCIARI, 2010, p.33)²⁰

A globalização - a mobilidade internacional do capital e a aceleração dos fluxos e interações em diferentes escalas - tem como efeito espaços urbanos mais difusos e descontínuos, aonde predominam conexões funcionais que não são facilmente configuráveis,²¹ nem geograficamente apreensíveis. Definidas a partir de termos generalistas como “metrópole contemporânea”, “pós-metrópole”, “cidade território”, as grandes cidades da nossa época tem como designação comum sua volatilidade e a dissolução de uma “forma urbis” palpável.

Perde-se a ideia da cidade como um agrupamento orgânico, razoavelmente unitário e culturalmente coerente.²² A imagem da cidade determinada por sua espacialidade, relevo e arquitetura - configurações na espessura do solo aonde se instala - dilui-se com o encurtamento das distâncias possibilitados pelas novas tecnologias - de comunicação e transporte. A partir delas, as interações e articulações entre territórios próximos e distantes permitem a difusão de sistemas imagéticos culturais desvinculados do sentido terrestre de lugar - como ponto fixo e delimitado espacial e historicamente - e assim, dificultam a apreensibilidade do espaço urbano.

"A legibilidade da paisagem das cidades era relacionada à imaginabilidade, à capacidade de evocar uma imagem forte no observador. Pressupunha referências visuais, um domínio sensorial do espaço, através da experiência e da observação ocular. Mas a configuração atual impede o mapeamento mental das paisagens urbanas."(BRISSAC, 2004, p.417)²³

A supressão de distâncias e a evidente aceleração dos deslocamentos, causam, a nível local, um empobrecimento dos lugares. Em uma metrópole como São Paulo, por exemplo, a percepção do espaço metropolitano se dá mais pelo tempo de deslocamento entre um ponto de interesse a outro do que pelo reconhecimento da geografia percorrida e de suas paisagens. Assim, as pessoas não têm uma localização correta e contínua com relação ao resto do tecido urbano. A experiência fenomenológica do sujeito não coincide mais com o lugar onde ela se dá (BRISSAC, 2004, p.417); resta, portanto, desterritorializada.

"Ocorre uma completa remontagem da geografia urbana

22. WISNIK, Guilherme. Entre o trabalho e o labor: o dever aldeia das cidades. NOVAES, Adauto (Ed.). Mutações: entre dois mundos. Edições Sesc, 2017.

23. BRISSAC, Nelson. Paisagens urbanas. São Paulo: Senac, 2004.

24. Termo cunhado na obra homônima do antropólogo francês Marc Augé, na qual define formações espaciais típicas da contemporaneidade, em geral homogêneas e descontextualizadas, como shoppings centers, complexos de hotéis e resorts, campos de refugiados, terminais e infraestruturas de transportes como espaços destituídos de qualquer sentido de história ou pertencimento. Ver: AUGÉ, Marc. Não-lugares. Papyrus Editora, 1994.

da área, cujo sentido só pode ser entendido em grande escala. Espaços mais distantes se tornam mais próximos, porque mais acessíveis. Outros mais próximos tornam-se mais distantes, porque inacessíveis. A percepção do espaço passa a ser determinada pela velocidade, inviabilizando o reconhecimento pedestre, típico das configurações locais tradicionais. Os antigos espaços públicos, agora inacessíveis, perdem toda significação e uso, transformando-se em terra de ninguém.” (BRISSAC, 2004, p.397)

O tecido urbano, tensionado pelas dinâmicas funcionais em larga escala - controladas principalmente pelo mercado - rasga: surgem espaços residuais, brechas urbanas em meio a ilhas modernizadas, grandes estruturas herméticas indistintas. Formas de espacialidade vetoriais e moventes (vias expressas, desertos urbanos, ocupações temporárias, favelas, áreas ocupadas pelo comércio de rua) se estendem sem pontos de referência. E assim, grande parte do espaço metropolitano resta obscurecido, desapropriado e indiferenciado.

Para definir tal espaço obscurecido da metrópole pode-se citar, principalmente, os espaços moventes de conexão e de massa: desde as brechas urbanas como margens de vias expressas ou ferrovias e antigas áreas industriais abandonadas até espaços massificados como grandes estruturas de terminais intermodais ou shoppings centers. Apesar de apresentarem relações de uso em níveis diferentes, esses espaços são recorrentemente definidos, por alguns autores, como “não-lugares”,²⁴ uma vez que aparentemente estão destituídos de relações identitárias ou de memória.

Atrelados aos espaços de rápida circulação, os não-lugares da cidade contemporânea são locais de passagem,

simultaneamente presentes e invisíveis. Ocupam grande parte do solo urbano, seja com vazios, infraestruturas ou grandes estruturas herméticas, porém restam como presenças inapreensíveis. Pois além de serem praticados a partir do movimento contínuo, o que borra sua percepção como um todo, são territórios homogêneos ou genéricos em sua forma, e assim, não criam nem identidade nem relação. “Como não se pode captar, o espaço-lixo não se pode recordar.” (KOOLHAAS, 2010)²⁵

25. KOOLHAAS, Rem. Espaço lixo. KOOLHAAS, R. Três textos sobre a cidade. Barcelona: Gustavo Gili, p. 67-111, 2010.

A metrópole difusa embaça nossas percepções de lugar: praticamos espaços que dificilmente são identificáveis como de uma cultura específica - poderiam estar em diversos locais do globo. Nesse sentido, pode-se afirmar que a genericidade dos territórios produzidos pela sociedade de fluxos restringe, ou mesmo empobrece, as possibilidades de construção de relações identitárias entre pessoas e território. Em espaços que não retomam ou produzem memórias, torna-se mais difícil reconhecer-se ou enraizar-se - principalmente quando pensamos nas populações deslocadas, que tiveram seus espaços de referência desmembrados em áreas distantes do mundo.

A transformação de alguns elementos identitários formais e simbólicos da definição tradicional de cidade, como a rua e a praça - originalmente locais de sociabilidade e de construção de relações de memória e pertencimento, com seus monumentos e marcos referenciais - em pontos de passagem e suporte de fluxos de circulação, causada não só pelo aumento vertiginoso dos fluxos reais e virtuais mas também por uma retração da cidade para a esfera privada, induziu a alguns autores assumirem a morte da cidade.

Isso porque a conversão do lugar público em lugar de passagem, esvazia significados típicos da vida cívica que o espaço urbano propicia, relativos ao encontro e às manifestações coletivas. “Desaparecem os lugares simbólicos tradicionais, sufocados pela afirmação dos lugares de troca, expressão da mobilidade da cidade.” (CACCIARI, 2010, p.31)

Porém, é preciso reconhecer que a forma urbis tradicional, apreensível na escala do pedestre, com marcos identitários reconhecíveis, ambientes cívicos e edifícios investidos de memória e pertencimento - igrejas, praças cívicas, fóruns, mercados, universidades ... - que ainda é aclamada, por muitos teóricos, arquitetos e urbanistas, como definição do conceito de cidade em seu sentido original, diz respeito apenas a uma amostra estreita das urbanidades existentes não só hoje, mas também durante a história.

O conceito de cidade da era moderna como construção simbólica de um povo, que define tais marcos materiais e espaciais como catalisadores da vida urbana, parte de uma visão que ignora as ocupações marginais, instáveis ou efêmeras, ou mesmo formas territoriais pouco conhecidas no ocidente. Ocupações informais, de materialidade frágil, hierarquias espaciais indefinidas e carentes em espaços livres, estiveram quase sempre presentes na lógica da cidade, sendo territorialidades inerentemente produzidas por suas dinâmicas, mas mantendo-se a margem dela; principalmente em países em desenvolvimento.

É interessante pensar, inclusive, que grande parte das maiores concentrações urbanas do mundo hoje não tiveram a cidade moderna europeia como origem e têm, na informalidade, um meio de sobrevivência para boa parte da popula-

ção; como é o caso de Mumbai, Lagos, Daca ou São Paulo.²⁶ Mesmo com características espaciais tangíveis que não estabelecem construções simbólicas, as ocupações informais e clandestinas ainda propiciam experiências identitárias e vivências urbanas.

Portanto, essa visão que define a cidade a partir de certa ordenação original - hoje, quase uma utopia, como disse Koolhaas no aclamado texto "Whatever happened to urbanism?"²⁷ - também compromete o reconhecimento de outras formas de apropriação do espaço metropolitano que engendra redes de sociabilidade aonde relações de identidade e memória são reproduzidas e dinâmicas políticas e econômicas são reinventadas.

É o caso das apropriações que têm os largos paulistanos citados na seguinte análise do arquiteto Guilherme Wisnik; que embora materialmente precários têm, na sua condição de ponto de passagem, a potencialidade para a vida cívica:

"Não é apenas o projeto exemplar de uma praça cívica - como a ágora ateniense, ou o fórum romano - que fará o povo se reunir, exercer a sua liberdade, discutir democraticamente as suas idéias, e fazer valer a sua condição política e cidadã. Basta ver qual é o uso que têm lugares como a Praça dos Três Poderes, em Brasília ou, ainda, o Parque Anhangabaú, projetado, em 1981, como a grande encarnação consensual de uma certa ideologia do espaço público. Sintomaticamente, essas praças se tornam lugares vazios ou residuais, enquanto importantes nós urbanos de transporte - ainda que sejam recintos urbanos precários -, tais como os Largos 13, da Batata, e da Concórdia, ganham inusitada vitalidade. Mais do que pela dicotomia

26. Em 2015, as 10 maiores concentrações urbanas em número de pessoas eram, respectivamente: Mumbai, Tóquio, Lagos, Daca, São Paulo, Karachi, Cidade do México, Nova Delhi, Nova Iorque e Jacarta. GOBBI, Leonardo Delfim. Urbanização Mundial. Educação Globo.

27. KOOLHAAS, Rem et al. Whatever happened to urbanism?. Design Quarterly, p. 28-31, 1995.

28. WISNIK, Guilherme. Uma pós-cidade?. WISNIK, Guilherme; MARLUTTI, Julio. Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, p. 16-17, 2018.

entre praças e casas, a cidade contemporânea é atravessada por fluxos heterogêneos pautados pelo sistema infraestrutural, ancorado na sua complexa rede de mobilidade.”²⁸

Por isso, para pensar a metrópole volátil, inapreensível e indiferenciada, é preciso olhar para vivências clandestinas que se reapropriam dos espaços de fluxos, da infraestrutura urbana e de construções herméticas, engendrando diferentes formas de sociabilidade e assim permitindo a ressignificação das presenças de diferentes populações.

Uma vez que o lugar público é hoje lugar de passagem, são os espaços genéricos atrelados aos meios de transporte e a aceleração da vida cotidiana que ganham vitalidade, exatamente por serem o espaço das massas: estações de trem e metrô, terminais de intermodais, margens de grandes avenidas etc. Na metrópole que é derivada do movimento, o fluxo de pessoas permite que esses lugares abarquem diversas experiências cidadinas e engendre diferentes redes de troca, mesmo tendo formas materiais que não necessariamente são apropriadas para tais usos.

“Novos fenômenos urbanos criam espacialidades heterogêneas, de usos variados. Atividades econômicas e modos de ocupação do espaço informais, aparentemente desregrados, mas que operam segundo outra lógica, largamente baseada na auto-organização. Sistemas infra-estruturais são ocupados para novos usos, móveis em vez de estáveis, alterando a natureza do espaço público. Processos altamente instáveis criam zonas habitadas por forças moventes.” (BRISSAC, 2004, p.393)

Dentre essas reapropriações podemos citar desde ocupações que estruturam a vida humana inclusive a partir do

habitat, como as favelas lineares, na margem de grandes avenidas ou os acampamentos de refugiados ou moradores de rua no baixios de viaduto; ou aquelas, de maior interesse nessa análise, que reativam o espaço opaco da metrópole a partir do empreendedorismo, do entretenimento, da reprodução cultural, como os pequenos comércios ou barracas de camelôs que se espraiam dentro e fora das estações de trem, as feiras ocasionais que ocupam ruas e eixos de transporte ou mesmo as manifestações artísticas e artesanais que ocupam calçadas e vagões de metrô.

Muitas dessas estratégias de ocupação que ressignificam os espaços genéricos da metrópole estão recorrentemente atreladas às populações estrangeiras à cidade - principalmente os já citados recém-chegados, refugio humano produzido pelo próprio capitalismo global. Isso porque as práticas urbanas informais possibilitam não só a sobrevivência dos imigrantes a partir de ações empreendedoras, mas também a retomada de hábitos que não são originários daquele território.

Na cidade aonde os centros privilegiados de manifestação coletiva estão retraídos e o lugar público dissolvido em meio às construções de massa, são os próprios não-lugares, espaços intersticiais secretados pela metrópole, que ficam disponíveis para tensionamentos gerados por novos usos, apropriações e ressignificações.

“Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua assim nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano pacificado. O Outro urbano (...) inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de resistência e de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e

29. JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. EDUFBA, 2012.

assim ocupa o espaço público de forma anônima e dissensual. (JACQUES, 2012, p.23)²⁹

Por isso muitos dos impactos territoriais causados pela chegada de levadas populacionais migrantes citados no primeiro capítulo podem ser definidos a partir dessa outra espessura do território urbano que reativa e ressignifica espaços de trânsito a partir de novas vivências. É o caso das feiras de ambulantes estrangeiros ou pequenos comércios de caráter étnico que se espraiam dentro e fora das estações de trem, como da Gare du Nord, em Paris ou da estação Brás, em São Paulo - ambas pólos de chegada de imigrantes.

Ou mesmo dos mercados populares em Lagos, na Nigéria, como o mercado de Oshodi que aproveita-se da intersecção entre dois padrões de trânsito - uma via suspensa de alta velocidade e uma via de pedestres ao longo da rodovia - e tem as rotatórias e os baixios de viaduto colonizados por muitos pequenos comércios e serviços informais. "No ponto preciso do diagrama metropolitano, onde parte do anel viário suspenso encontra o eixo rodoviário, a micro-escala do plano extravasa." (KOOLHAAS, 2001, p. 693)

Esse olhar para a micro-escala que contamina as grandes estruturas inapreensíveis da metrópole possibilita, portanto, uma busca pelas experiências e acontecimentos pontuais que ainda podem ser vivenciados em meio a aceleração constante da metrópole. Muitas das ocupações informais, parasitas ao espaço metropolitano, tem o potencial de catalisar novos usos e vivências na escala do pedestre, mesmo que de modo efêmero ou ocasional, suportado por estruturas para-arquitetônicas provisórias.

Entre 2008 e 2013, a exposição “Post-it City- cidades ocasionais” rodou alguns países europeus e sulamericanos apresentando 91 projetos de um mapeamento de ocupações temporárias diversas do espaço público por agentes de 20 países diferentes - sendo elas de caráter comercial, lúdico, sexual ou com outras especificidades.³⁰ De acordo com a definição trazida no livro originado pela exposição, as ocupações Post-It reinventam a topografia do território urbano, dando relevo a ela a partir da sobreposição de usos e situações distintas, em oposição às crescentes pressões para homogeneizar o espaço público.³¹

“Frente aos ideais da cidade como lugar de consenso e de consumo, as ocupações temporais do espaço resgatam o valor de uso, desvelam distintas necessidades e carências que afetam a determinados coletivos e, inclusive, potencializam a criatividade e o imaginário subjetivo. Com a realidade Post-It City, a cidade reaparece como território atravessado por dinâmicas e processos múltiplos, mas também por numerosos sujeitos de genuína dimensão política graças a sua lícita ação intrusa, parasitária e de reciclagem como estratégias de sobrevivência e de imaginação.” (PÉRAN, 2008)

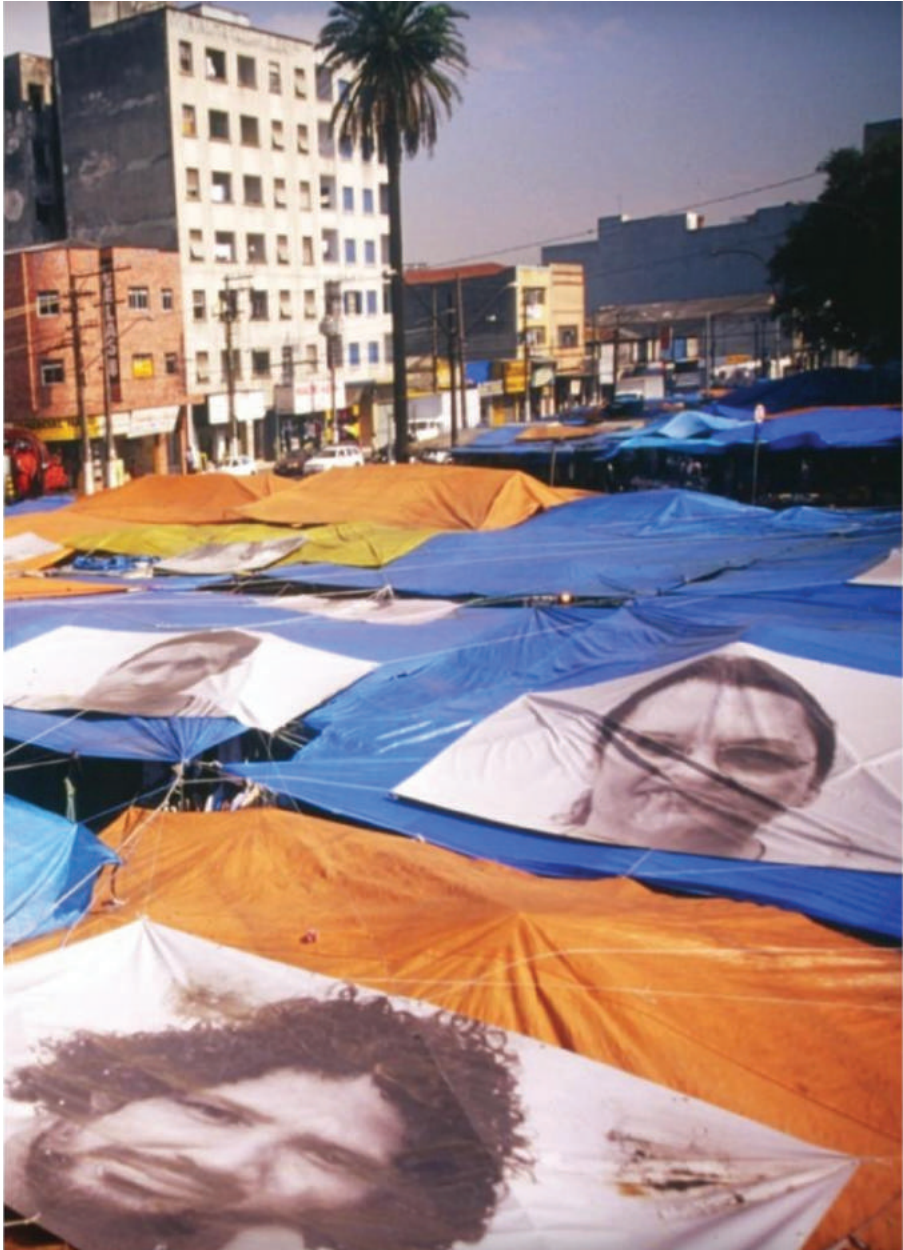
Pode-se afirmar, a partir dessa lógica, que apropriação do espaço metropolitano a partir de corpos ambulantes - barracas, quiosques, guarda-sóis - reverte o empobrecimento do lugar público. O fato de boa parte dele não ser mais esteticamente ou materialmente apreensível não o torna impraticável. As operações marginais aos usos funcionais e as dinâmicas engendradas por por materialidades frágeis podem resultar em práticas urbanas que potencializam a cidade como lugar de troca, criatividade e empreendedorismo - e assim, a reconfigura e a ressignifica, ressignificando outros recorrentemente.

30. SPERLING, David. Ready-Made City. Arqtextos, São Paulo, ano 12, n. 134.06, Vitruvius, ago. 2011

31. PERÁN, Martí. Post-it City. Occasional urbanities. Post-it City. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008.

URBANIDADES
CLANDESTINAS

Intervenção urbana no Arte/Cidade de 2002, por Mauricio Dias e Walter Riedwig, intitulada "Mera Vista Point". A partir da exposição de fotos e vídeos sobre os vendedores ambulantes e seus produtos em suas barracas no Largo da Concórdia, os artistas cartografaram, em um filme, o espaço a partir daquilo que circula: as pessoas e produtos vendidos.



32. "Designo por etnopaisagem a paisagem de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos : turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos em movimento (...).As paisagens da identidade de grupo - as etnopaisagens - de todo o mundo já não são objectos antropológicos familiares, na medida em que os grupos já não são rigorosamente territorializados, delimitados espacialmente, historicamente assumidos ou culturalmente homogêneos." A essa definição ele adiciona: "Não quero com isso dizer que não haja comunidades e redes de parentesco, amizade, trabalho e lazer, bem como de nascimento, residência e outras formas de filiação relativamente estáveis. Quero dizer que por toda a parte o tecido destas estabilidades é feito no tear dos movimentos humanos, à medida que aumenta o número de pessoas e grupos que têm que enfrentar a realidade de terem que se deslocar." (APPADURAI, 2006, p.51-71)

A partir das análises sobre os fluxos territoriais mais recentes e as formas de ocupação da metrópole contemporânea, é possível, então, afirmar que cada vez mais as cidades estão passíveis a constantes transformações, reconfigurações e ressignificações em uma dimensão que não está atrelada ao solo - que não tem um território nacional como mediador. Populações desenraizadas, em movimento, recriam lugares a partir de arquiteturas sem fundações - conquistam o espaço de modo tangencial, sem de fato riscá-lo.

Hoje, tanto os grupos étnicos em movimento quanto seus lugares de pertencimento na cidade tem um caráter mais fragmentado e volátil: os símbolos que os tornam reconhecíveis não estão estritamente ligados a uma origem única e precisa e nem se acumulam em pontos específicos restritos. Com as fronteiras étnicas e nacionais mais dissolvidas por uma cidade interativa e globalizada, o abrigo e a reprodução de tradições e identidades de seus habitantes não depende da arquitetura urbana fixa, monumental e pode-se dar de forma efêmera, ocasional, ambulante.

"Com mais grupos migrando, se refazendo em novos locais, reconstruindo sua história e reconfigurando seus projetos étnicos uma ou mais vezes durante suas trajetórias individuais, o etno da etnografia assume um caráter esquivo, não localizado." (APPADURAI, 2004, p.71)

A etnopaisagem, como definida pelo antropólogo que cunhou o termo, Arjun Appadurai, é constituída por identidades de grupo que, não estando rigorosamente territorializados e não sendo mais historicamente assumidos ou culturalmente homogêneos, cria o tecido de comunidades estáveis no próprio tear dos movimentos humanos.³²

Nesse sentido, pode-se afirmar que na busca dos deslocados por integração, pertencimento e reidentificação com um novo território, a mobilização de marcos identitários - a partir da reprodução de hábitos e práticas espaciais - pode se dar de forma ambulante.

Em um contexto geral de desterritorialização - de pessoas, comunidades, culturas - as pessoas, sendo elas lugares - corpos investidos de identidade e memória - conquistam o espaço de maneira parasita, infectando aos poucos os interstícios da cidade e a partir da reprodução desses hábitos, práticas e apropriações simbólicas, transformam e ressignificam paisagens homogeneizadas.

Os filósofos Deleuze e Guattari - aqui trazidos pela leitura feita pela arquiteta Paola Berenstein Jacques - contrapõe o espaço urbano ordenado da cidade (seu relevo de construções estáticas) àquele que o parasita de forma vetorial e nômade, a partir das definições “espaço liso” e “espaço estriado”:

“(...) num caso, “ocupa-se sem medi-lo”, no outro, “mede-se o espaço a fim de ocupa-lo”. São portanto espaços-tempos diferentes, duas lógicas, mas que podem coexistir (...) Temos por hipótese que os errantes, em suas errâncias pela cidade, espaço estriado por excelência, “alisam” esses espaço com sua prática (...)” (DELEUZE, GUATTARI, 1980 apud JACQUES, 2012, p.35)

As apropriações estrangeiras atuais, ao ocuparem o território de forma “lisa”, ambulante, sem medir, tem, portanto, a capacidade de reorganizar espacial e socialmente os lugares da cidade - transformando sua imagem, usos e significados - sem alterar as lógicas espaciais em maior escala. Elas

existem paralelamente, ora clandestinamente, a projetos urbanos rigidamente estruturados, o espaço estriado. Por isso, a fluidez dessas ocupações informais e efêmeras nos traz não só a questão já colocada do desenraizamento das pessoas em trânsito, mas também do desenraizamento da própria arquitetura como detentora de signos culturais.

Hoje, com a intensidade das migrações e principalmente devido ao caráter mais urgente e precário dos deslocamentos forçados, o que vai definir territórios étnicos no espaço urbano não são apenas bairros definidos a partir de certas etnias - como era o caso do Bixiga, Bom Retiro ou Liberdade, no século passado - mas construções em uma outra escala - como um pequeno altar dedicado a comunidade boliviana na igreja católica do Pari, ou um camelô de vestimentas de tribos africanas vendidas por um senegalês na praça da República.

Para exemplificar e articular tais constatações a respeito das territorialidade étnicas nas paisagens metropolitanas contemporâneas serão apresentadas, nos próximos parágrafos, diferentes experiências em locais de trânsito e com a presença de imigrantes que, mesmo de forma parasita ou clandestina, constituem urbanidades capazes de assentar a existência social dessas populações.

O conceito de urbanidade clandestina vai definir não só ocupações que são informais do ponto de vista legal - como os camelôs ou os acampamentos urbanos que ocupam zonas da cidade ilegalmente - mas também ocupações que são, inerentemente, estrangeiras ao território e se colocam nele de maneira parasita; que podem estar ancoradas à estabelecimentos formais: como mercadinhos, restaurantes

ou cabelereiros de caráter étnico.

Para enxergá-las, partirei de experiências antropológicas pessoais (no caso da Jungle de Calais, na França e do bairro do Brás, em São Paulo) e de relatos jornalísticos ou acadêmicos. É essencial ressaltar que a apreensão desses espaços, exatamente por estarem disponíveis a constantes mutações - formais ou populacionais - se dá principalmente através de narrativas e experiências, sensoriais e imagéticas, registrada por relatos e fotografias.

A partir desses registros - reproduzidos em trabalhos acadêmicos, como esse, ou mesmo reportagens - pode-se, de certa maneira, apreender o espaço em movimento e os processos cotidianos, impossíveis de serem cartografados no macro, que resultam na transformação, mesmo que temporária, da imagem da cidade.

E, ao deslocar o olhar da grande escala da cartografia, dos grandes projetos urbanos e arquitetônicos para observar de perto os processos, trânsitos e presenças que se dão no mesmo território pode-se perceber que sob diversas situações cotidianas, enxergadas na pequena escala, pesam fenômenos globais, que são essenciais para compreendermos a cidade contemporânea, seus fluxos e estabilidades, de outra forma.

Ao olhar na microescala é possível perceber as intervenções parasitas que, em muitos dos casos, é o que dá suporte aos processos de reterritorialização de migrantes e de resignificação do espaço urbano. São estruturas essencialmente efêmeras e frágeis; sejam elas simples objetos como um forno de barro árabe em um restaurante ou um

tecido e letreiro aplicados na fachada do térreo comercial de um edifício ou arquiteturas de fato fluidas, como barracas, cabanas ou camelôs que abarcam produtos e símbolos étnicos e se espalham por variados lugares das cidades.

Os já citados comércios informais que ocupam as saídas de metrô e trem - como da estação Brás, em São Paulo ou da Gare du Nord, em Paris - mesmo sem uma materialidade expressiva, promovem, para o transeunte nesse percurso, diferentes experiências sensoriais estrangeiras: cheiros de diferentes comidas, vozes falando em diferentes línguas e a presença de diversos produtos que variam desde marcas internacionais a objetos artesanais ligados à uma cultura específica. Por estar frequentemente associado a mercados paralelos, clandestinos, o comércio ambulante tem um potencial de agregar imigrantes ao oferecê-los meios de sobrevivência, em uma situação em que lhes falta uma posição social ou qualquer meio de identificação com o ambiente construído.

No Brás, é possível notar a presença expressiva de imigrantes nigerianos, congolezes, haitianos, bolivianos, peruanos, entre outros, nos camelôs desde a saída da estação de trem Brás, passando pelo Largo da Concórdia e subindo a rua Barão de Ladário em direção ao Pari. Esses ambulantes vendem tanto produtos de caráter étnico ou exótico - valorizados comercialmente pela sua estrangeiridade - como pomadas de ervas medicinais andinas ou vestimentas tribais africanas, quanto produtos de uma cultura genérica acessada globalmente: desde capinhas e artefatos para celular até roupas e calçados falsificados de marcas globais como Nike ou Adidas.

A precariedade dessas situações e a sua simultânea capacidade de promover experiências urbanas no espaço público e dar às pessoas deslocadas uma existência social relembra também os estudos feitos por Koolhaas em Lagos, Nigéria. Na tentativa de desconstruir a visão dominante que temos de cidade, ele apresenta a cidade africana como uma possível reconceptualização desta. Descreve sistemas alternativos marginais ou informais - como os mercados de Lagos - como possibilidade de sobrevivência de diversas populações, que chegam diariamente àquela cidade vindo das zonas rurais da Nigéria, e de reconquista de um território urbano decadente, com uma formação bastante diferente da cidade ocidental que gerou espaços altamente segregados e desorganizados.

"Lagos inverte todo o caráter essencial da cidade moderna. Porém, é, ainda, uma cidade; e uma que funciona. (...) Os espaços públicos são continuamente ocupados de novas maneiras. O asfalto tornou-se lotado de ambulantes, feirantes, mecânicos, alfaiates, cabeleireiros e todos os tipos de empreendedores. As pessoas brigam anarquicamente por território enquanto a vida parece prosperar na congestão das ruas. (...) Eles tornaram infraestrutura em um mercado, um não-lugar em produtividade. O mercado continuamente se refaz e se restabelece através de trocas acumuladas entre moeda e produtos e pelo movimento individual dos comerciantes ambulantes (...)"(KOOLHAAS, 2001, p.652-694)

Ainda que a partir de uma visão europeia, e um tanto quanto romanceada, a experiência de olhar para a cidade africana, com uma formação totalmente diferente da cidade nos moldes europeus e hoje controlada por variados mercados paralelos locais e globais, nos ajuda a entender as pre-

senças de tais urbanidades clandestinas conformadas pelos recém-chegados na metrópole - que retomam características de cidades consolidadas, porém fora da concepção tradicional, como é Lagos.

“Esses novos atores sociais experimentam a condição extrema do capitalismo global: absoluta mobilidade, total disponibilização. (...) Constituem uma nova economia e uma nova modalidade de ocupação territorial.” (BRISSAC, 2004, p.422)

As vivências ambulantes na metrópole contemporânea revelam, portanto, o potencial das ocupações e arquiteturas parasitas em operar uma reconquista do território urbano por quem está a margem dela. Essas arquiteturas conformam territorialidades constituídas a partir do movimento que alisam, ocupam sem medir, territórios estruturados por forças nacionais ou de mercado; e, a partir do empreendedorismo e, muitas vezes, da reprodução de certas experiências culturais ou cotidianas, permitem, mesmo que de forma provisória, a sobrevivência das populações deslocadas, refugio dessas mesmas forças.

Nesse sentido, é interessante olhar mais diretamente para a dimensão identitária dessas ocupações e reapropriações do espaço urbano. Mais do que a sobrevivência das populações deslocadas, as territorialidades imigrantes revelam, na maioria das vezes, o resgate de conexões afetivas com uma origem - fator essencial para a construção de processos de enraizamento e comunidades identitárias.

Mesmo nas ocupações de camelôs, que são muitas vezes genéricas, além do empreendedorismo clandestino, algumas práticas espaciais dos imigrantes retomam hábitos

originários de suas culturas. É comum ver, por exemplo, as mulheres africanas, enquanto apoiadas nas suas barracas ou lonas de venda trançarem os cabelos uma das outras ou comerem marmitas com pratos típicos: fufu ou arroz jollof.³³

Em uma condição de perda dos “meios sobre os quais assenta a existência social, ou seja, um conjunto de coisas e pessoas comuns portadoras de significados – terra, casa, aldeia, cidade, posses, empregos e outros marcos divisórios cotidianos” (BAUMAN, 2005, p.97), a reprodução de experiências, hábitos, saberes e imagens culturais conformam estratégias de enraizamento das populações deslocadas.

A partir dessas reproduções, refugiados e imigrantes podem, de maneira dialética, se reidentificarem como sujeitos enquanto reidentificam o cotidiano e a paisagem dos locais aonde transitam.

Além disso, essa retomada de saberes e hábitos que intermediam ligações afetivas com suas origens promove também a integração dos deslocados no novo ambiente, pois, ao mobilizarem suas culturas, eles valem-se dela não só como identidade mas também como estratégia de negociação para um pertencimento intercultural.³⁴

A valorização de certas práticas para a reinvenção de uma vida social por parte dos imigrantes e refugiados está atrelada, principalmente, às práticas culinárias – reproduzidas em feiras e pequenos restaurantes tanto no espaço formal da cidade quanto dentro de campos de refugiado como o de Calais; mas também à hábitos cotidianos domésticos como banhar-se ou cortar os cabelos, que levou afegãos a abrirem casas de banho e barbearias na Jungle de Calais e

33. Dois pratos populares no Oeste Africano. O fufu é feito a partir da fervura da mandioca, do inhame ou da banana e em seguida é batido até ficar com a consistência de massa. O arroz jollof é o prato mais popular na região, e tem como ingredientes básicos arroz, tomate, molho de tomate, cebola, sal e pimenta vermelha. VIEIRA, Kaue. Cultura na mesa: 10 grandes pratos da gastronomia africana. Afreaka.

34. A cultura mobilizada pelos recentes grupos imigrantes no processo de integração a um novo território é utilizada, simultaneamente, como identidade e marcadora de diferença, de modo a tentar incluir-se, seduzir e entreter para fazer parte e para pertencer. Ver: ZANFORLIN, S. C. Etnicidade, migração e comunicação: etnolpaisagens transculturais e negociação de pertencimentos. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

35. MUNIZ, Marcos. A cultura dos cortes de cabelo e tranças afro no Centro de SP. Vice. 2016.

o que fez com que diversos cabelereiros de caráter étnico fossem abertos em São Paulo: notadamente bolivianos no Brás e africanos na região da República.

Ao olhar na escala local, podemos tomar como exemplo a Galeria Presidente, no centro de São Paulo, que desde sua fundação é marcada pela presença comercial e imagética de uma cultura “black” - difundida principalmente por estilos musicais americanos hip hop, rap e reggae, apropriados também por brasileiros - e mais recentemente, assumiu um papel de marco referencial para o novo fluxo de imigrantes africanos chegando em São Paulo, como pode ser percebido em visitas ao local e bem apresentado na reportagem e no ensaio fotográfico feitos pelo portal Vice.³⁵

Ao percorrer a galeria, percebe-se que uma comunidade recente de congolezes, nigerianos e angolanos vêm “contaminando” e resignificando esse espaço com outras práticas, interativas àquelas já existentes, mas que permitem uma recuperação de hábitos originários que são também meios de integração e empreendedorismo no novo ambiente - como a operação de salões de cabelereiros voltados para penteados afro ou a venda de produtos típicos como carne de cabra ou farinha para fazer fufu.

Lá, as placas dos estabelecimentos estão majoritariamente escritas em inglês e as conversas ouvidas variam entre diversos dialetos africanos. A Galeria Presidente, reflete, portanto, aspectos locais de dinâmicas geradas em uma escala global - aonde o consumo imagético de uma cultura reproduzida por diferentes grupos étnicos e nacionais constrói uma localidade aonde é possível enraizar-se.

Estabelecimentos como esses constituem etnopaisagens que revestem os territórios metropolitanos de identidades variadas e interativas e tem o potencial de conformarem comunidades estáveis, que estão em constante interação com outras tanto no nível local quanto no nível global.

36. CLEMENT, Gilles. THIERY, Sebastien. ATLAS d'une cité potentielle. PUCA, FR. 2016.

O caso do acampamento de refugiados Jungle de Calais foi bem emblemático nesse sentido pois, mesmo estando apartado por cerca de 10km do centro da cidade histórica de Calais, na zona industrial da metrópole e muitas vezes tratado como genérico - na perspectiva da atuação humanitária global - o campo possibilitou, com a construção de diversos empreendimentos e instituições, a reprodução das identidades locais de seus habitantes e fez dele um produtor de novos contextos, atrelados a ordem dos fluxos humanos atuais.

De modo semelhante ao trabalho feito por Koolhaas em Lagos - o grupo de pesquisa PEROU-Paris propôs, a partir de uma extensiva documentação do campo em um "Atlas de uma Cidade em Potencial"³⁶, uma reconceptualização da ideia de cidade formal baseada nas redes de interação essencialmente urbanas que se deram de forma clandestina no território incipiente da Jungle de Calais.

Em um curto período de tempo, a Jungle de Calais se tornou quase que um manifesto de multiplicação de diferentes territorialidades em um mesmo espaço; pois o enraizamento das diferentes populações e etnias que ali habitavam e atuavam (notadamente afegãos, iranianos, sírios, paquistaneses, sudaneses, etíopios e eritreanos) produziu, com a retomada de hábitos e códigos culturais conhecidos por cada um deles, contextos étnicos dinâmicos e interativos -

aonde se falava várias línguas: inglês, francês, italiano, farsi, dari, pachto etc., comia-se comidas com sabores variados e praticava-se diferentes religiões. Nesse território, sociabilizavam e consumiam, não só os grupos de refugiados mas também grupos de voluntários e pesquisadores europeus e americanos.

A provisoriidade deste campo e dos lugares que constituíram-se nele (restaurantes, escolas, igrejas, casas de banho, mesquitas, padarias e discotecas), devido às constantes destruições e realocações que sofreu, coloca, mais uma vez, a questão da possibilidade de um enraizamento e de uma configuração comunitária que não está atrelada a um dado território: está ambulante.

Mesmo na cidade formal, não são só os camelôs, as barracas de feira ou os pequenos comércios que constituem territorialidades ambulantes. Em São Paulo, é emblemático o caso da Mesquita Bilal Al Habashi, fundada por imigrantes africanos em 2004. Desde então, a mesquita, lugar de socialização e enraizamento de imigrantes e refugiados africanos e mulçulmandos, já mudou de lugar na cidade três vezes.

Inicialmente, ocupava um apartamento duplex do emblemático edifício Esther - marco da arquitetura moderna brasileira - na época, em estado de decadência. Com uma elitização do edifício a partir da restauração da fachada e de espaços comuns, a mesquita foi forçada a desocupar o apartamento alugado em 2012. Então, mudou-se para uma sobreloja precária na Rua Guaianases - aonde sofria com infiltrações e vazamentos. Por fim, em 2016, com auxílio do Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, a mesquita adquiriu a sobreloja do Palacete Riachuelo, um edifício neo-

clássico no Annhagabaú, espaço que ocupa até hoje.³⁷

Mesmo com essas mudanças significativas em relação ao espaço material em que se situava, essa mesquita continuou sendo, desde sua fundação, um lugar de referência para imigrantes africanos mulçumanos - que não se inserem nas mesquitas árabes da cidade - mas que configuram, a partir de uma identificação comum trazida pela religião e pela sua origem, uma comunidade étnica-racial composta, hoje, não só por imigrantes africanos, mas também por brasileiros que se reconhecem como negros.

O processo de enraizamento e integração dessa comunidade, portanto, está ancorado antes em práticas sociais e religiosas do que nos territórios que as abrigam, que do ponto de vista morfológico, podem ser considerado genéricos. Pode-se afirmar, portanto, que mesmo em lugares privados e delimitados da cidade a presença migrante "alisa" estes espaços com práticas estrangeiras à eles; deixando, seja pelos sons de suas rezas ou pela cor com que pintam as paredes, rastros de sua presença.

No caso da população católica boliviana, sua presença no bairro do Pari foi representada por uma pequena intervenção material na igreja do bairro. Em 2014, foi inaugurado um pequeno altar dedicado às santas padroeiras da Bolívia, Nossa Senhora de Copacabana e Nossa Senhora de Urkupiña, na Paróquia Santo Antônio do Pari.

Essa pequena intervenção revela, também, um rastro do trânsito de bolivianos na região - geralmente relegados às desconhecidas confecções do Brás e aos voláteis comércios informais - e assim, permite que eles tenham um meio

37. Informações extraídas de reportagens e de postagens em páginas oficiais da mesquita.

de se reconectarem com suas origens e as trazerem para a dinâmica cotidiana do bairro.

Pequenos símbolos materiais são, pois, muito importantes para a percepção das dinâmicas sociais e processos desse enraizamento mais fluído que têm os imigrantes recentes; que no campo ou mesmo no ambiente urbano consolidado, têm muitas das suas práticas espaciais e sociais reproduzidas na materialidade “lisa” do território, mas mesmo assim com potencial para criar novos contextos, materiais, sociais e imaginativos.

Conclui-se, portanto, que intervenções espaciais fluídas, inclusive àquelas inseridas em um contexto de informalidade e clandestinidade, podem dar suporte para uma reprodução identitária e para o processo de enraizamento de populações migrantes que não depende, necessariamente, de pontos fixos elaborados historicamente.

No contexto atual, pelo fato da metrópole estar mais difusa e das imagens, informações e produtos culturais estarem percorrendo distâncias na virtualidade, as identidades imigrantes se colocam de forma mais interativa e reativa ao espaço rígido da cidade: se acomodam em territorialidades existentes e a partir de ações físicas e simbólicas transformam-no continuamente.

- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



1

- 20 24 Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23 Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26 Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27 Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30 Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31 Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32 Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

10



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02 Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04 Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06 Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11 Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10 Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14 Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17 Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18 Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

18



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

20



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24 Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23 Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26 Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27 Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30 Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31 Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32 Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24 Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23 Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26 Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27 Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30 Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31 Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32 Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



27

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.



- 20 24 Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23 Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26 Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27 Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30 Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31 Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32 Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

32



- 01 02** Mercado tradicional de produtos nordestinos na Rua Cavalheiro. 2018. Nathalia Lima.
- 03 04** Produtos de origem nordestina nas calçadas e comércios da Rua Dr. Almeida Lima. 2018. Nathalia Lima.
- 06** Vendedor de frutas na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 07 08 11** Vendedores de frutas na feira da Rua dr. Almeida Lima. 2018 e 2019. Nathalia Lima.
- 10** Barraca de medicamentos e pomadas naturais brasileiras. 2018. Nathalia Lima
- 12 14** Camelôs de produtos genéricos variados na rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima.
- 17** Vendedora ambulante na feira boliviana da Rua Coimbra. 2019. Nathalia Lima.
- 18** Barraca de produtos e grãos trazidos da Bolívia na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.

- 20 24** Intervenções lúdicas na feira boliviana da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima.
- 21 23** Restaurantes bolivianos da rua Coimbra em dia de feira, 2018. Nathalia Lima.
- 26** Mercadinho de frutas e produtos bolivianos na feira da Rua Coimbra. 2018. Nathalia Lima
- 27** Estabelecimento de comida árabe na rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 28 30** Mercadinho de produtos árabes em galeria da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 31** Venda de pães sírios na calçada da rua Barão de Ladário. 2019. Nathalia Lima.
- 32** Sequência de restaurantes e estabelecimentos árabes na Rua Barão de Ladário. 2018. Nathalia Lima

ETNOPAISAGENS
NO BRÁS



Reprodução de risografias
em duas cores elaboradas pela
autora a partir de fotografias
tiradas na feira boliviana da Rua
Coimbra, em novembro de 2018.

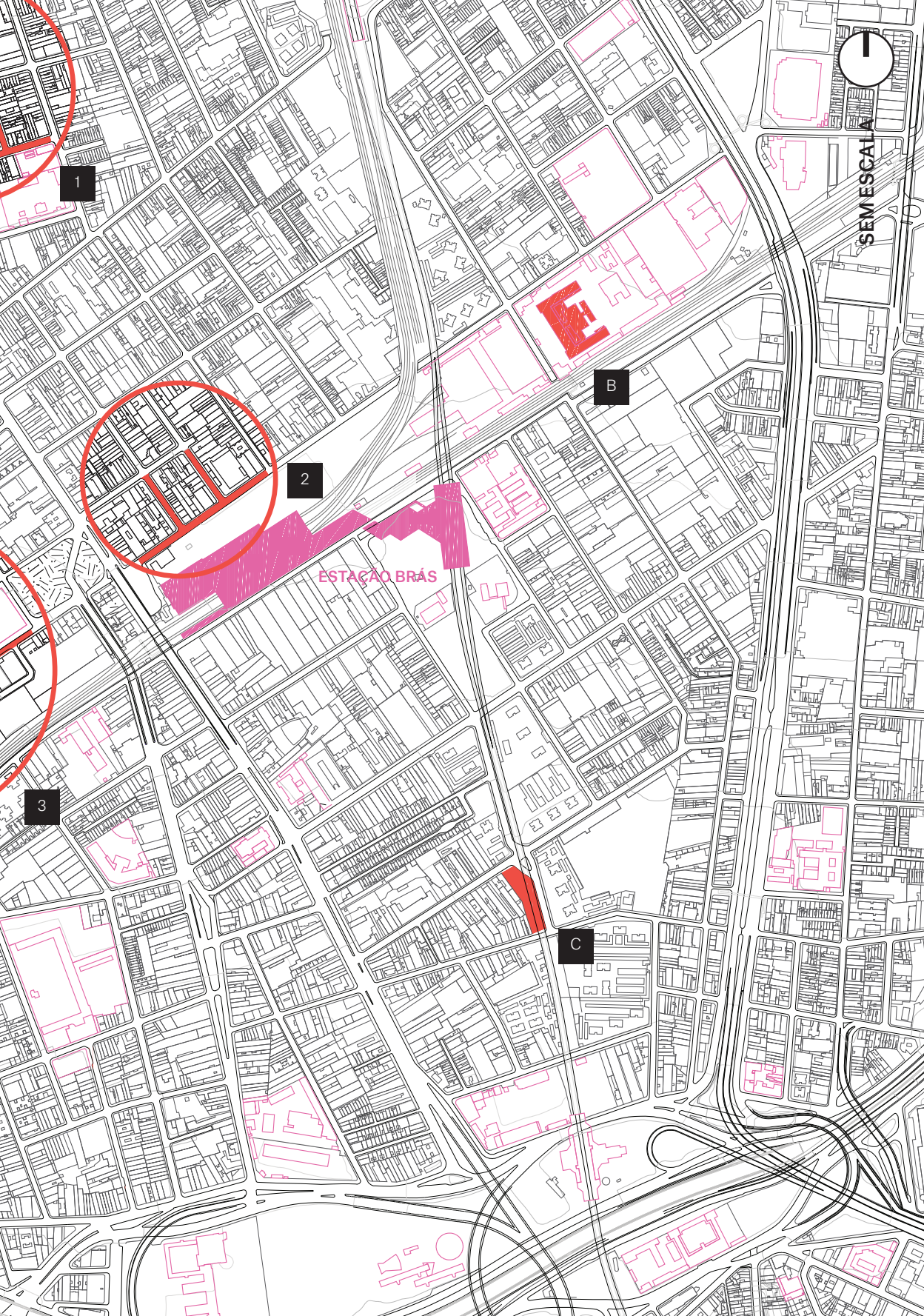




A

D

4



SEM ESCALA

ESTAÇÃO BRÁS

E

C

B

1

2

3



ETNOPAISAGENS VOLÁTEIS

- 1.** feira boliviana da rua coimbra
- 2.** feira e comércios nordestinos e africanos
- 3.** camelôs com presença africana e latinoamericana
- 4.** restaurantes e comércios árabes no entorno das mesquitas

ETNOPAISAGENS DELIMITADAS

- A** centro de acolhida missão scalabriana
- B** memorial do imigrante
- C** praça cantinho dos imigrantes
- D** paróquia santo antônio do pari

38. VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. Cadernos Metrópole., n. 02, p. 84, 1999.

O bairro do Brás   reconhecido historicamente pela presença de imigrantes. Na perspectiva da urbanização de São Paulo, desde o primeiro período da chegada de imigrantes na cidade (de 1870 até a Primeira Guerra), o Brás consolidou-se como ponto de referência para milhares de imigrantes vindos da Europa e da Ásia, por abrigar, desde 1900, a Hospedaria dos Imigrantes - que funcionava como um entreposto comercial de mão-de-obra estrangeira. O que era para ser uma casa temporária para os imigrantes recém-chegados, aos poucos se tornou um local permanente.³⁸

"Uma vez na cidade, o trabalhador imigrante procurava lugar para se instalar, compatível a seu poder aquisitivo e que fosse próximo ao seu local de trabalho. Daí a procura pelo Brás, por conter terrenos mais baratos, de várzea, pela presença da Hospedaria dos Imigrantes, da ferrovia e das indústrias." (V RAS, 1999.)

Até a década de 40, então, o Brás consolidou-se como um bairro operário italiano, que eram maioria na consolidação urbana e industrial de São Paulo. A morfologia do bairro, na época, destacavam-se os grandes galpões industriais e as vilas operárias.

Durante os períodos seguintes de imigração, notadamente entre a Segunda Guerra e a década de 90, o Brás assistiu o processo migratório que trouxe levas populacionais de outras regiões do Brasil para a cidade de São Paulo, notadamente nordestinos.

Simultaneamente, o bairro foi tendo sua fisionomia alterada. Na década de 50, as reformas no sistema viário trouxeram vias expressas que começaram a descaracterizar

a imagem do bairro, suas ruas e praças, e a moldá-lo para uma zona de circulação e passagem.

As grandes indústrias que marcaram o princípio do Brás sofreram um período de decadência ao logo de todo o século XX e já no fim do século, o bairro consolidou-se, economicamente, como um pólo comercial popular em que destaca-se a presença nordestina, que trouxe outros hábitos, sons e sabores para o bairro; mas que manteve, também, a presença de indústrias de confecção como base.

A indústria e o comércio têxtil estão atreladas, ainda na década de 50, principalmente a imigração árabe - de libaneses e palestinos - que também estiveram presentes no Brás. Lá, instalaram suas confecções na rua Oriente e hoje, tem ainda sua presença marcada em diversos dos comércios atacadistas e varejistas do bairro, e também nas duas mesquitas - sunita e xiita, construídas nas décadas de 1980 e 1990.

O Brás, portanto, evidencia importantes aspectos dos processos migratórios brasileiros, documentando a presença italiana, no começo do século XX e, em seguida, a presença nordestina, árabe e nas últimas décadas - também atrelados à indústrias de confecção e ao comércio atacadista - grupos de coreanos, chineses e bolivianos.

Hoje, ainda nas indústrias de confecção, nas casas transformadas em cortiços, nas antigas vilas operárias, e nas ocupações informais de feiras e camelôs, é marcante a presença das novas levas populacionais cada vez mais recentes, decorrentes dos últimos fluxos de deslocamentos humanos: de latino-americanos (bolivianos, peruanos, paraguaios, colombianos e haitianos), árabes (notadamente sí-

rios) e africanos (angolanos, nigerianos, congolezes), que, de certa, forma utilizam-se da multiculturalidade intrínseca ao bairro consolidado como imigrante para se territorializarem.

Além disso, há estruturas consolidadas nos arredores do bairro que promovem o acolhimento e apoio para as novas populações: o centro de acolhimento da Igreja Católica Missão Scalabriana, a mesquita do Pari, o Museu da Imigração (antiga Hospedaria dos Imigrantes) e um pouco mais afastada, a Igreja Missão Paz, no Glicério.

De acordo com os Microdados do IBGE de 2010, mais de 15% da população do Brás e do bairro vizinho, Pari, é composta por imigrantes (registrados). Quase metade deste grupo é composto por bolivianos, seguidos de libaneses, paraguaios e peruanos. Por ser um dado que se restringe a imigrantes registrados legalmente, é essencial remarcar que desconsidera fluxos ilegais que também são representativos das populações presentes no Brás.

Nesse contexto, é importante colocar em questão as diferenças, tanto históricas e culturais quanto morfológicas que fazem com que o processo de enraizamento das migrações mais recentes tenham outra dimensão temporal e espacial.

Como já discutido nos capítulos anteriores, o meios de pertencimento dos grupos estrangeiros em seus territórios de destino são, hoje, mais voláteis e muitas vezes enxergados apenas na pequena escala. Por isso, que as ocupações representativas que constituem novas urbanidades culturais das populações estrangeiras no Brás são enxergadas, principalmente, nas ocupações informais e provisórias, como feiras e camelôs e em pequenas intervenções sim-

bólicas no ambiente construído.

Dentre essas, pode se citar ocupações que deixam mais rastros na paisagem, como os pequenos restaurantes abertos por refugiados sírios nos arredores das mesquitas do Brás e do Pari, ou aquelas que são ocasionais, mas constituem territorialidades que se assentam por um dado período de forma estável e expressiva, como é o caso da Feira Boliviana da Rua Coimbra.

Esta, acontece todo sábado e domingo a partir das 15hs nessa rua, que abrigou, em uma vila de casas, os primeiros imigrantes bolivianos que chegavam ao Brás para trabalharem nas indústrias de confecção.³⁹ Diferente da feira boliviana da Kantuta, no Canindé, que hoje já pode ser considerada um evento turístico, a feira da Rua Coimbra destaca-se por ser voltada, principalmente para a comunidade boliviana que está, em sua maioria, presente no Brás.

Apesar de, hoje, já existirem na rua estabelecimentos voltados para a população estrangeira, como casas de câmbio, empresas de turismo e alguns restaurantes e cabelereiros abertos por bolivianos, a grande expressão cultural dessa população, que apresenta-se como uma territorialidade de pertencimento boliviano, ocorre somente com a feira, aos finais de semana. Isso porque o trabalho e a moradia da população boliviana, muitas vezes imbricados em um mesmo espaço de fábrica e habitação, não a torna visível no espaço ou na imagem do bairro.

Muitos dos comerciantes das barracas da feira exercem outras funções durante a semana, mas empreendem na feira trazendo produtos ou pratos típicos bolivianos.

39. PAGAENOTTO, Maria Ligia. MINILLO, Marcia. Uma Bolívia dentro do Brás. Sampa Inesgotável. 2016.

Além da prática culinária, que constitui a maioria das barracas presentes na feira, há também a reprodução de práticas cotidianas e lúdicas.

Uma atividade marcante é a presença de cabelereiros - peluqueras - na feira, algo que é estranho para as feiras brasileiras. Tanto a feira da rua Coimbra, como na grande feira da Kantuta, apresentam diversos estabelecimentos e barracas oferecendo cortes de cabelo.

Outras operações no espaço, que ressignificam as ruas e calçadas do Brás durante a feira, é a reprodução de músicas típicas e a presença de brinquedos e objetos lúdicos, como camas elásticas e pebolins. Essas intervenções, do ponto de vista simbólico, recriam lugares de sociabilidade e interação de forma parasita e provisória.

A constituição de uma territorialidade étnica é, portanto, culturalmente marcante nessa feira, mas outras ocupações efêmeras com presença imigrante, como os camelôs que tomam conta das ruas e calçadas na saída da Estação Brás e na rua Barão de Ladário, notadamente aos finais de semana, também podem ser considerados etnopaisagens. Como já argumentado, os bolivianos, haitianos, africanos de diversos países de origem e também os nordestinos, que atuam como comerciantes nessas barracas, oferecem ao espaço público novas identidades a partir da simples reprodução de hábitos e modos de estar na cidade: de vender, de fazer refeições, de relacionar-se entre si e entre outros...

A interação entre populações migrantes que convivem em um mesmo território engendra redes de sociabilidade multiculturais que revelam diferentes elos de aproximação

entre culturas. É o caso, por exemplo, da presença africana em feiras e comércios tipicamente nordestinos nas ruas do entorno da Estação Brás.

Além de atuarem como vendedores junto aos tradicionais comerciantes nordestinos das barracas e feiras de frutas e alimentos da rua Dr. Almeida Lima e suas transversais, os africanos - notadamente nigerianos, congoleses e angolanos - constituem uma fiel clientela das antigas e tradicionais lojas de produtos nordestinos, consolidadas desde as décadas de 50 e 60, como a "Sabores do Norte", "Uirapuru" e a "Sul Bahia".

Essas lojas vendem diferentes produtos originários do norte e nordeste do país: artigos artesanais, farinhas e grãos, conservas, carnes, fumo... e são frequentadas intensamente pelas novas levas populacionais de africanos, que consomem esses produtos. Pode não parecer evidente em uma primeira análise, mas ao questionar os vendedores e clientes dessas lojas se haviam lá produtos originários de países africanos, descobri que a base de ambas as culinárias - nordestina (ou brasileira) e africana - é a mesma. Claramente devido a presença de escravos africanos na constituição da sociedade brasileira, especialmente no nordeste do país.

O fufu, por exemplo, tradicional prato do Oeste Africano, da onde vem os imigrantes congoleses, nigerianos, angolanos e camaroneses, tem como base o amido da mandioca ou do inhame - raízes que são muito consumidas no Brasil - e é frequentemente temperado com azeite de dendê, condimento muitíssimo utilizado na culinária baiana.

Nesse trânsito de novos africanos chegando ao Brasil vê-se, portanto, a retomada de redes culturais já estabelecidas.

das há muito tempo.

Esse é o caso também de populações de países árabes que vêm chegando aqui devido aos intensos conflitos na Síria, Palestina e Afeganistão e tendo contato com populações de origem árabe já estabelecidas em São Paulo - especialmente sírios e libaneses que vieram durante meados do século XX.

No fim da rua Barão de Ladário, já quase no Pari, pode-se notar que junto às lojas atacadistas presentes em quase toda a extensão da rua - muitas delas provavelmente pertencentes a essas famílias árabes - começam a aparecer, também, restaurantes e açougues voltados para essa população, inclusive com letreiros escritos em outros alfabetos.

No quarteirão aonde localiza-se a Liga da Juventude Islâmica Beneficente do Brasil - ou Mesquita do Pari -, fundada em 2002, há, especialmente, pequenos restaurantes, mercadinhos e comércios em precárias galerias pertencentes a populações recém-chegadas em São Paulo, que usufruem tanto do apoio que a mesquita oferece para refugiados (aula de línguas, distribuição de cestas básicas) como de seus frequentadores tradicionais como clientes.

Um dos mercadinhos é pertencente a uma família de Bangladesh que está há três anos no Brasil, lá eles vendem produtos alimentícios importados específicos da cultura árabe: como pão sírio, chás, especiarias, água de rosas, cafés etc. Ao lado, encontra-se o New Shwarma, um balcão de lanches aberto por Eyad, um refugiado sírio que era chef de cozinha no seu país e chegou em São Paulo em 2014. Aqui, trabalhou um ano em um restaurante até conseguir dinheiro

para alugar o ponto e abrir o seu. Hoje, o New Shwarma é bastante conhecido, sendo indicado até pelos restaurantes árabes tradicionais do Brás.

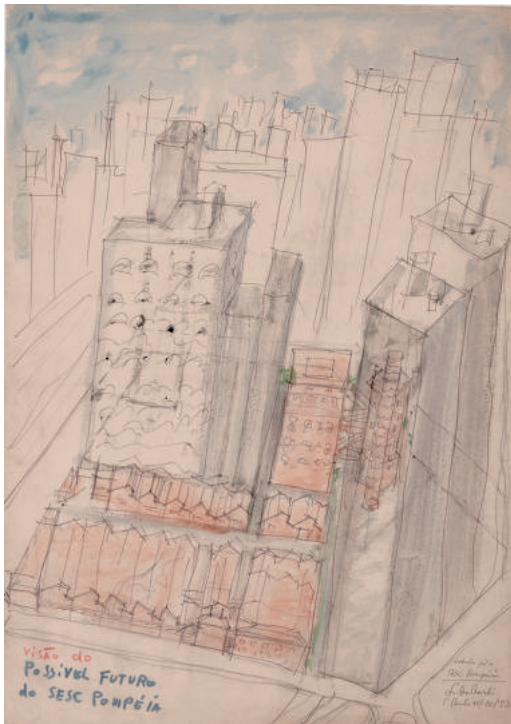
O bairro do Brás revela, portanto, uma multiplicidade de culturas que interagem com territorialidades novas, ora ocasionais, e outras já enraizadas há muito tempo. Apesar de estar materialmente decadente, é um bairro extremamente rico do ponto de vista étnico, social e cultural, principalmente devido a ocupações que inicialmente são estrangeiras, clandestinas a seu espaço, mas que constituem, eventualmente, etnopaisagens.

MERCADO MUNICIPAL DE
CULINÁRIA ESTRANGEIRA

A solid red square is positioned on the right side of the text, partially overlapping the words 'MUNICIPAL' and 'ESTRANGEIRA'.

Aquarelas da arquiteta Lina Bo Bardi para o SESC - Fabrica da Pompeia.

Com uma linguagem lúdica, a arquiteta imaginava possíveis usos para o futuro edifício construído.



40.CASTRO, Beatriz. Lina Bo Bardi: o desenho na carreira multidisciplinar da arquiteta. CAU BR, 6 de mar 2019.

A arquiteta Lina Bo Bardi é conhecida por suas aquarelas, nas quais representa imaginários de possíveis ocupações de seus projetos - imaginários curiosos e que expressam também dúvidas sobre aquilo que viria a ser.⁴⁰ Neles, imaginava desde o aspecto geral do conjunto edificado até usos e intervenções informais na escala do usuário.

Em uma das aquarelas feitas para o projeto SESC Pompeia, de 1983, Lina a intitula no canto da folha “possível futuro para o SESC Pompeia” e, com outra caneta adiciona antes do título “visão do”, o que resulta em um título escrito em dois momentos “visão do possível futuro para o SESC Pompeia”.

Como conclusão desse trabalho, trago, então, uma visão do possível futuro da região do Largo da Concórdia e da Estação Brás. Em um exercício de ajustar o olhar da microescala dos pequenos estabelecimentos étnicos, das barracas de feira e dos camelôs para o plano urbano, proponho imaginar, através de colagens, como que o terreno de antigas plataformas dos trens da CPTM da Estação Brás pode abrigar e potencializar os trânsitos e presenças estrangeiras no bairro do Brás, e na cidade.

“O desafio está sobretudo em permitir estabilidades que assegurem a identidade dos lugares. (...) É possível pensar uma cidade que, está em fluxo, se transforma mesmo que hajam elementos por um determinado período de tempo invariáveis que a organizam?” (BOGÉA, 2002)

A partir deste lugar específico, procuro, então, territorializar em um projeto arquitetônico e urbano certas ocupações estrangeiras que, mesmo de maneira efêmera, trazem a culinária como principal elemento de enraizamento: feiras,

barracas de alimento, mercadinhos e restaurantes - encontrados não só no Brás, mas em diversos lugares de São Paulo e do mundo: em capitais europeias, subúrbios norte-americanos, campos de refugiados, fronteiras nacionais...

As experiências estudadas - notadamente as feiras, mercadinhos e restaurantes do bairro do Brás e os restaurantes e padarias frequentados na Jungle de Calais - me atentaram para o fato de que o ato físico de cozinhar e se alimentar permite o resgate de uma vivência, de tradições e sentidos que possibilita às pessoas deslocadas se sentirem em casa, mesmo em um ambiente movediço. Ainda, um estudo realizado por Dolores Corner aponta que a gastronomia como manifestação cultural, de memória e identidade, constitui o último hábito que um grupo abandona quando emigra.⁴¹

Portanto, entendi que o programa de um Mercado Municipal de Culinária Estrangeira, no Brás, responderia adequadamente à certas necessidades essenciais para o enraizamento de imigrantes São Paulo. A partir do empreendedorismo - abrindo pequenos restaurantes ou comércios no mercado - muitos estrangeiros podem integrarem-se econômica e socialmente na cidade e, ainda, constituírem uma nova territorialidade multicultural, valorizada por cidadãos de diferentes origens.

Ainda, para dar suporte e garantir a presença das populações vulneráveis de recém-chegados, imagino que o programa comercial de mercado pode somar-se a uma escola de gastronomia, no terreno ao lado - que, associada a instituições como o Senac, ou a ONGs como a Gastromotiva possa oferecer cursos profissionalizantes voltados para as populações de refugiados e requerentes de asilo.

41. CORNER, Dolores apud PORFIRIO, Isadora. Mensa Mercado para Imigrantes do Bom Retiro. Trabalho Final de Graduação. UNICAMP, Campinas. 2018.

A configuração espacial do mercado e da escola foi pensada a partir do lugar aonde se insere, movido por fluxos decorrentes da estação intermodal e do comércio atacadista e ambulante da região. Então, pretende-se que eles se coloquem como parte de um percurso em meio ao bairro do Brás, que pode induzir a novas experiências como àquelas já presentes lá.

Ao entender o terreno ao lado da estação como um vazio residual que rasga o tecido urbano e dificulta conexões pedestres entre partes do bairro, desenhou-se o mercado como uma praça com uma única cobertura em continuidade com a estação de trem, pela qual pode se percorrer e seguir diferentes caminhos.

O projeto inicia-se com a ampliação da praça localizada na frente da estação para sua lateral, ampliando as ocupações ambulantes já presentes na saída da estação e guiando os transientes para o mercado. Este está sob uma leve cobertura de vidro a cerca de 18 metros de altura estruturada por vigas metálicas e pilares mistos, em continuidade com os já presentes na estação; e organiza diversos quiosques de compensado e estrutura metálica paralelos a um volume de alvenaria para funções como depósitos e banheiros.

O desenho proposto para o mercado também abre uma conexão entre os dois lados dos trilhos do trem - hoje possível apenas passando pelo espaço controlado da estação de trem e metrô ou atravessando um longo viaduto na escala dos automóveis. A solução imaginada é modificar os controles da estação de trem e tornar seu mezanino - hoje já ocupado por comércios e vendedores ambulantes - uma área pública, possível de ser acessada a partir de uma gene-

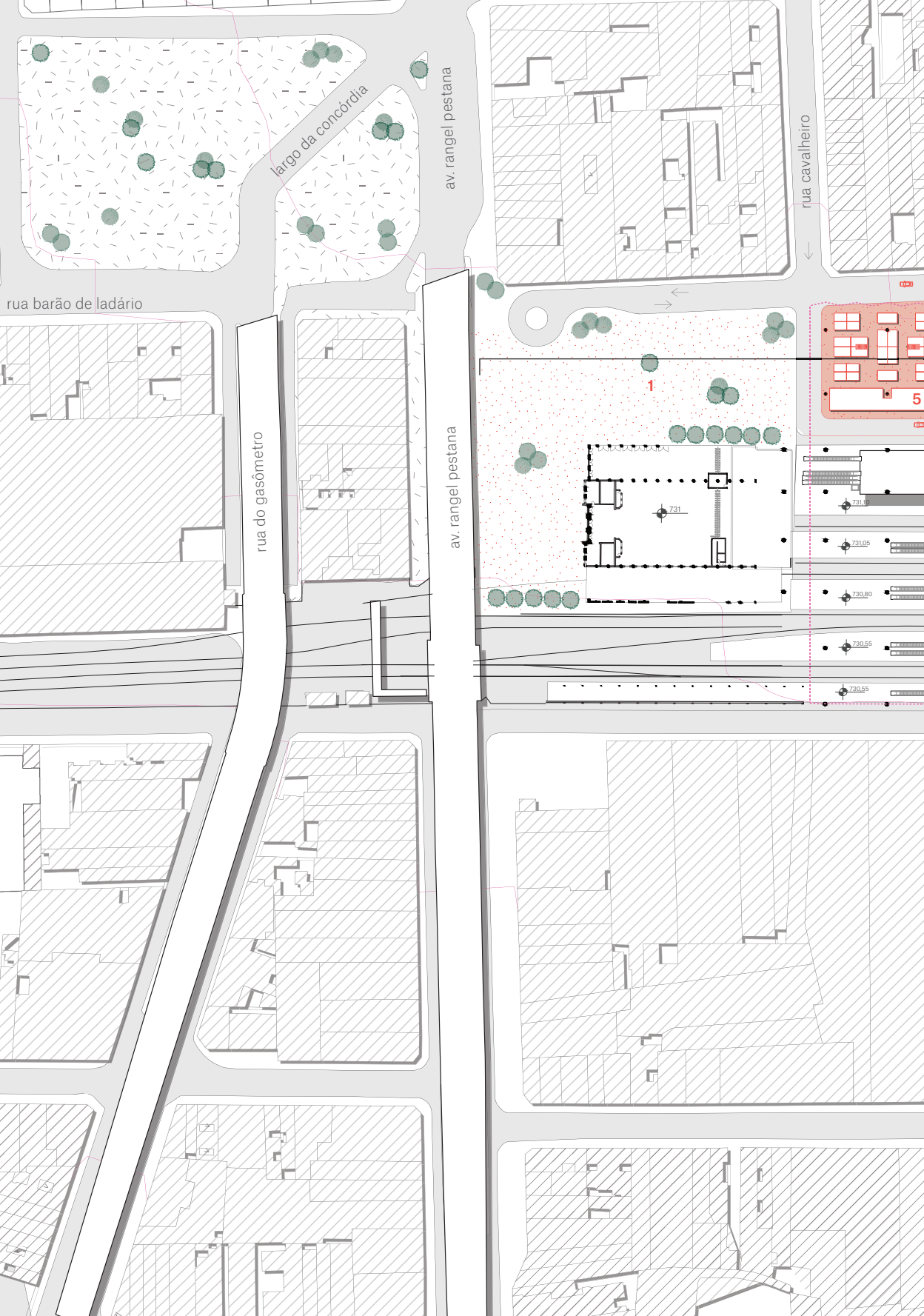
rosa escada na praça central do mercado.

Nessa praça central, imagina-se que diversas práticas espaciais encontradas nas ocupações de imigrantes na cidade possam ser reproduzidas em meio aos quiosques de alimentos: desde ocupações lúdicas, como as camas elásticas da rua Coimbra, expressões culturais de música e dança, como as que frequentemente ocorrem na Feira da Kantuta e mesmo comerciais, como todos os camelôs da região.

Mantem-se, assim, a fluidez inerente aos espaços públicos próximos; recorrentemente transformados pela presença de feiras e ambulantes com presença imigrante, como o Largo da Concórdia, da Rua Barão de Ladário ou e a rua Dr Almeida Lima - aonde insere-se o mercado e a escola.

Imagina-se que o projeto possa conectar os não-lugares infraestruturais metropolitanos a urbanidades de caráter mais local, culturalmente assumidas; criando, assim um espaço compositivo que consolida-se num percurso imagético e simbólico revelador de diferentes identidades. A presença de territorialidades étnicas ambulantes, portanto, permanece, porém em uma configuração mais estável - que lhes dá, também, mais visibilidade e legitimidade no ambiente urbano.

Materialmente, essa permênencia da ambulância é simbolizada pela leveza estrutural do mercado que mantém uma certa aeração do solo. Mas, acompanhando a simbologia presente no ato de enraizar-se, tanto o volume de apoio do mercado quanto todos os edifícios da escola são de alvenaria de tijolos vermelhos, um material que traz a tectônica que alude a um processo de integração e enraizamento, mesmo que em composição com ocupações mais efêmeras.



largo da concórdia

av. rangel pestana

rua cavalheiro

rua barão de ladário

rua do gasômetro

av. rangel pestana

1

5

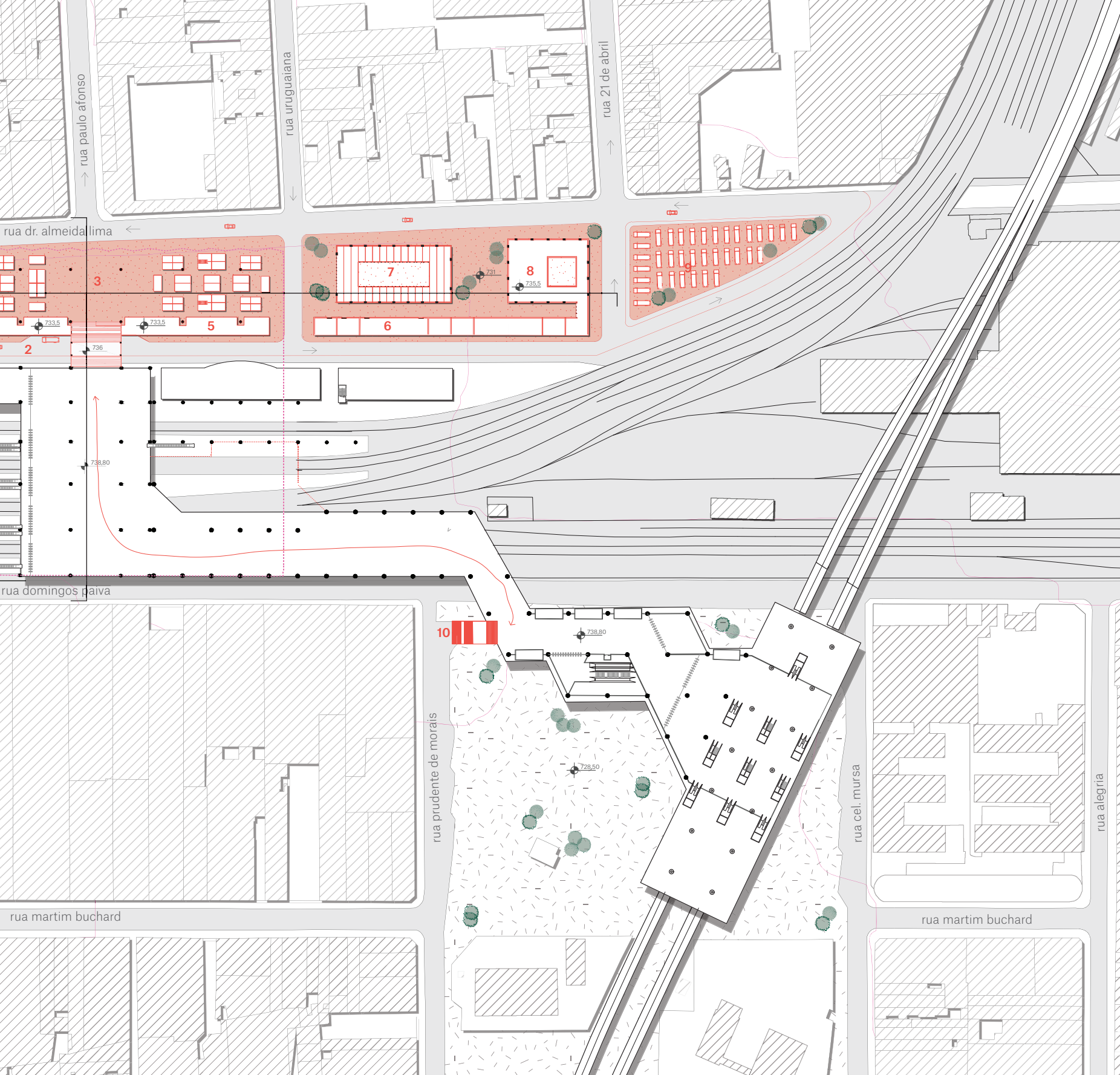
731

731.05

730.80

730.55

730.55



rua paulo afonso

rua uruguaiana

rua 21 de abril

rua dr. almeida lima

3

6

8

5

7

2

738.80

733.5

733.5

736

731

735.5

rua domingos paiva

10

738.80

728.50

rua prudente de morais

rua cel. mursa

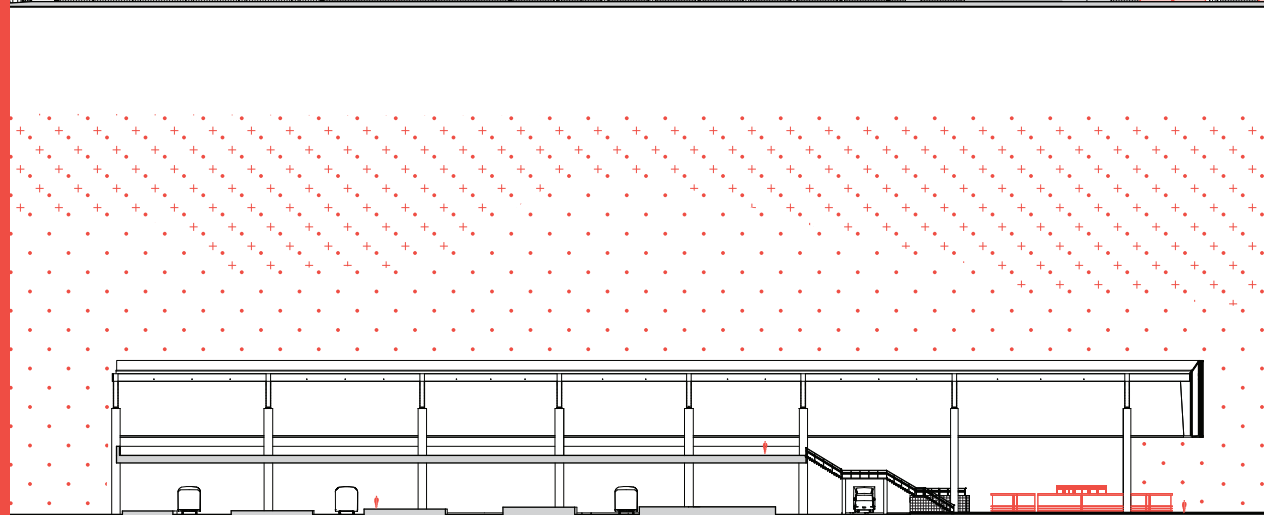
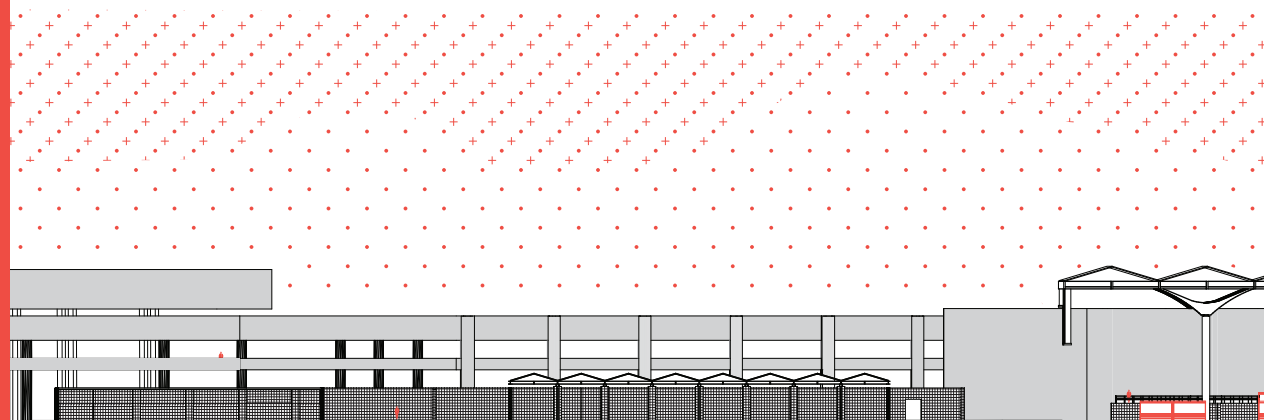
rua alegria

rua martim buchard

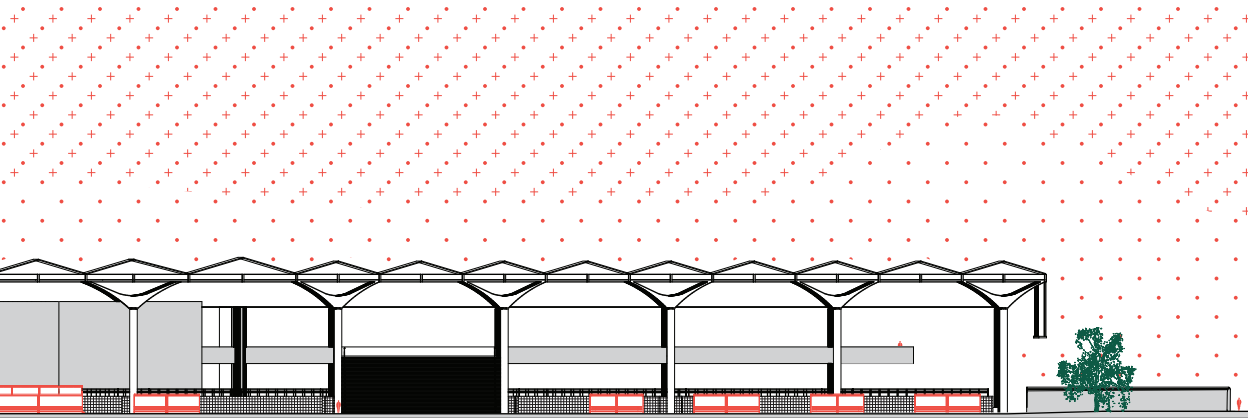
rua martim buchard



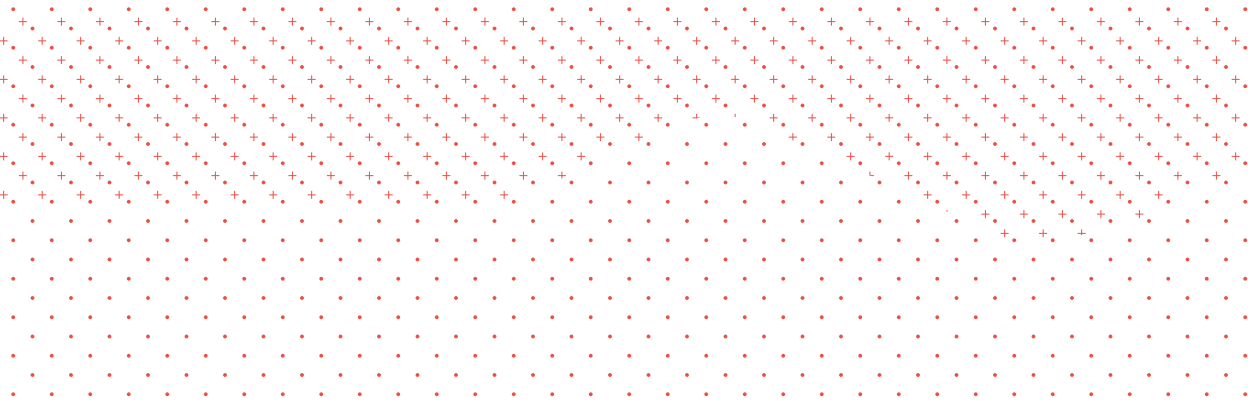
- 1 extensão da praça da saída da estação Brás
- 2 nova rua de apoio (carga e descarga) do mercado
- 3 praça central do mercado
- 4 escada de acesso ao mezanino público da estação
- 5 volume de apoio mercado (depósitos, banheiros e vestiários e administração)
- 6 volume de apoio escola (depósitos, banheiros e vestiários e administração e secretarias)
- 7 cozinhas experimentais e hortas da escola
- 8 biblioteca, salas de aula e de informática da escola
- 9 estacionamento voltado para comércio da região
- 10 escada pública do outro lado dos trilhos



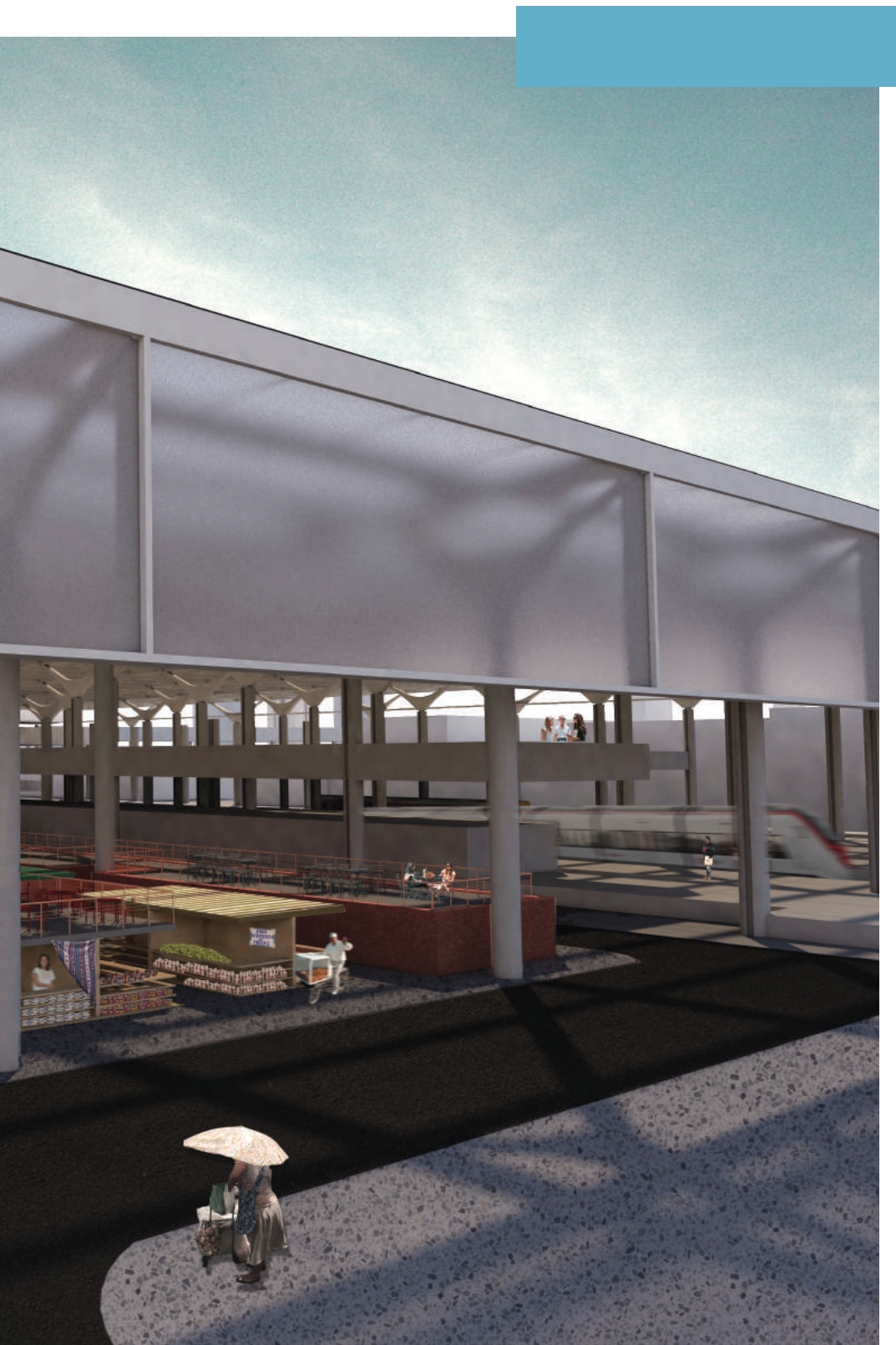
CORTE LONGITUDINAL 1:1000



CORTE TRANSVERSAL 1:1000

















JUGO
VITAMINICO
DE
FRUTAS

SEJA
SEM-VINDO

ZIGOA NA
BREVI

WHEAT FLOUR?
WE HAVE IT!

casa do norte



ÁBALOS, Iñaki; PENNA, Alicia Duarte. **A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade**. Gustavo Gili, 2003.

APPADURAI, Arjun; COSTA, Telma; MOREIRA, Conceição. **Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias**. 2004

AGIER, Michel. O 'acampamento', a cidade e o começo da política. **A rua. Espaço, tempo, sociabilidade**. Lisboa, Livros Horizonte, p. 17-25, 2008.

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Mana, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.

ARANTES, Otilia. A ideologia do lugar público na arquitetura contemporânea. **O lugar da arquitetura**, p. 98, 1993.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Papirus Editora, 1994.

BAENINGER, Rosana et al. **Migrações Sul-Sul**. BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino et alii, 2018

BOGÉA, Marta. **Cidade Errante**. Senac, São Paulo, 2002.

BRISSAC, Nelson. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Senac, 2004.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**., Barcelona: GG, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**, O. Editora 34, 2007.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Editora 34, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. EDUFBA, 2012.

KOOLHAAS, Rem et al. **Mutations**. Actar, 2000

KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a cidade: grandeza, ou o problema do grande: a cidade genérica: espaço-lixo**. Gustavo Gili, 2010.

LANNA, Ana L. Duarte. Bexiga, modos de morar, modos de viver. **Domesticidade, Gênero e Cultura Material**. Coleção CPC - Volume 5, p.113 -131. Edusp. 2017.

MELO, Otávio. **Entre São Paulo e Lisboa: imigração, cidade e cultura gastronômica**. São Paulo: FAU USP, 2017.

PERAN, Martí. **Post-it city. Ciudades ocasionales**. M. Peran y Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, Post-it City. Ciudades Ocasionales, p. 177-179, 2008.

PEREIRA, Verônica Sales. Memória Industrial e Transformações urbanas na virada do século XXI: os casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. **São Paulo: Interfaces**, 2007.

PORFIRIO, Isadora. **Mensa Mercado para Imigrantes do Bom Retiro**. Trabalho Final de Graduação. UNICAMP, Campinas. 2018.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993, p. 160-61.

SCHEPPE, Wolfgang et al. **Migropolis: Venice. ATLAS OF A GLOBAL SITUATION**, Ostfildern: Hatje Cantz, 2009.

SPERLING, David. **Ready-Made City**. Arqutextos, São Paulo, ano 12, n. 134.06, Vitruvius, ago. 2011 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/12.134/3971>>.

TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. **História Unisinos**, v. 11, n. 3, p. 359-366, 2007.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. **Revista USP**, n. 114, p. 45-54, 2017

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. **Cadernos Metrópole.**, n. 02, p. 73-119, 1999.

WARNIER, Jean-Pierre, PARLEBAS, Pierre. **Le corps et le langage: parcours accident s.** Editions L'Harmattan, 1999.

WISNIK, Guilherme. Entre o trabalho e o labor: o devir aldeia das cidades. NOVAES, Adauto (Ed.). **Muta es: entre dois mundos.** Edi es Sesc, 2017.

WISNIK, Guilherme; MARIUTTI, Julio. **Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura.** São Paulo: Edi es Sesc São Paulo, p. 16-17, 2018.

ZANFORLIN, S. C. **Etnicidade, migra o e comunica o: etnopaesagens transculturais e negocia o de pertencimentos.** 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunica o e Cultura)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

fontes documentais

ALVES FILHO, Manuel. VILLEN, Gabriela. As novas faces das migra es internacionais. **Jornal da UNICAMP.** Julho de 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/02/22/novas-faces-das-migracoes-internacionais>

CASTRO, Beatriz. Lina Bo Bardi: o desenho na carreira multidisciplinar da arquiteta. **CAUBR**, 6 de mar 2019. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/lina-bo-bardi-o-desenho-na-carreira-multidisciplinar-da-arquiteta/>

CAZARRÉ, Marieta. Número de refugiados bate novo recorde e atinge 68,5 milhões. **Agência Brasil**. Junho 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-06/numero-de-refugiados-bate-novo-recorde-e-atinge-685-milhoes>

CHAVES, Alan. COSTA, Emily. 10o abrigo para refugiados é aberto em RR e imigrantes são retirados das ruas. **Globo**. Julho 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/07/20/10o-abrigo-para-venezuelanos-e-aberto-em-rr-e-imigrantes-sao-retirados-das-ruas.ghtml>

CLEMENT, Gilles. THIERY, Sebastien. ATLAS d'une cité potentielle. **PUCA, FR**. 2016. Disponível em: <http://www.urbanisme-puca.gouv.fr/decire-et-re-presenter-uneurbanite-en-action-la-a939.html>

GOBBI, Leonardo Delfim. Urbanização Mundial. **Educação Globo**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-mundial.html>

MACHADO, Leandro. Preço alto e burocracia em aluguel de casa levam imigrantes para ocupações sem teto. **Globo**. 5 de maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/preco-alto-e-burocracia-em-aluguel-de-casa-levam-imigrantes-para-ocupacoes-sem-teto.ghtml>

MUNIZ, Marcos. A cultura dos cortes de cabelo e tranças afro no Centro de SP. **Vice**. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/d7ge47/galeria-presidente-sao-paulo

PAGAENOTTO, Maria Ligia. MINILLO, Marcia. Uma Bolívia dentro do Brás. **Sampa Inesgotável**. 2016. Disponível em: <https://www.sampainesgotavel.com.br/2016/08/21/uma-bolivia-dentro-do-bras/>

VIEIRA, Kaue. Cultura na mesa: 10 grandes pratos da gastronomia africana. **Afreka**. Disponível em: <http://www.afreka.com.br/notas/cultura-na-mesa-10-grandes-pratos-da-gastronomia-africana/>

"Em SP, refugiados encontram em ocupação saída para a falta de moradia." **Rede Brasil Atual**. 21 de junho 2018. (Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/06/em-sao-paulo-refugiados-africanos-encontram-em-ocupacao-saida-para-moradia>)

"Guerra da Síria completa 7 anos em março com rastro de tragédia para civis, diz ONU." Nações Unidas Brasil. Março 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/guerra-siria-completa-7-anos-em-marco-com-rastro-de-tragedia-para-civis-diz-onu/>

ABERTURA DE CAPÍTULOS

INTRODUÇÃO

Obra do artista chinês Ai WeiWei "Law of Journey" exposta na Galeria Nacional de Praga em 2017. Disponível em: <https://www.creativeboom.com/inspiration/ai-weiwei-launches-a-sculpture-of-a-70-metre-long-boat-with-258-refugees/>

MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Foto da obra "Odisséia" do artista Ai Wei Wei disponível no site italiano Ruber Contemporanea.

<http://rubercontemporanea.it/site/odyssey-un-progetto-di-ai-weiwei-per-palermo-palermo-23-aprile-20-giugno-2017-zac-zisa-arte-contemporanea/>

METRÓPOLES VOLÁTEIS

Fotos do Vale do Anhangabaú para o Arte/Cidade 1994 disponíveis no site.

<https://www.pucsp.br/artecidade/novo/ac2/32.htm>

URBANIDADES CLANDESTINAS

Fotos da obra "Mera Vista Point", de Maurício Dias e Walter Riedwig disponíveis no site do Arte/Cidade 2002.

<http://www.artecidade.org.br/>

ETNOPAISAGENS NO BRÁS

Risografias elaboradas pela autora no Estúdio Risotropical em novembro de 2018.

MERCADO MUNICIPAL DE CULINÁRIA ESTRANGEIRA

Desenhos de Lina Bo Bardi disponível no acervo do site do Instituto Bardi.

http://www.institutobardi.com.br/busca_banco.asp

PARTE 1

01 02 03: https://www.msn.com/en-us/news/us/la-street-vending-legalization-offers-migrants-hope-but-also-challenges/ar-BBW5frk#image=BBW5frk_1|5

<https://www.pri.org/stories/2017-08-02/street-food-vendor-whose-cart-was-flipped-over-getting-outpouring-support>

05: <https://averyreview.com/issues/21/unwalled-citizenship>

07: <http://www.ciutatsocasionals.net/proyectos/>

08 09: https://www.vice.com/pt_br/article/78zjeg/as-people-and-their-factories-in-clandestine-lagos

11 15: Fotografias concedidas pelo autor, Guilherme Wisnik.

13: <https://archinect.com/news/article/102646363/koolhaas-guides-viewers-through-bustling-lagos-in-this-interactive-documentary>

14: Fotografias concedidas pelo autor, Guilherme Wisnik.

16 17: <http://charliekoolhaas.com/2009/12/lagos-nigeria/>

18 19 20: <https://caio.photoshelter.com>

21: <http://amazoniareal.com.br/crise-na-venezuela-o-repudio-das-instituicoes-dos-direitos-humanos-contr-a-deportacao-em-massa-dos-indios-warao/>

22 23: <http://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-com-artesanos-indios-warao-buscam-sobrevivencia-digna-em-roraima/>

25: <http://guianegro.com.br/republica-vira-pequena-africa/>

26: https://www.vice.com/pt_br/article/d7ge47/galeria-presidente-sao-paulo

27: <http://br.rfi.fr/franca/20180511-migrantes-morrem-afogados-em-canal-de-paris-e-relancam-debate-sobre-crise-dos-refug-0>

29: <https://heimatkunde.boell.de/when-i-decided-rent-apartment-and-live-african-refugees-rome>

30 31 33: <http://www.urbanisme-puca.gouv.fr/decrire-et-re-present-er-une-urbanite-en-action-la-a939.html>

34 35 36: <http://boui-boui.com/balade-gustative-africaine-a-chateau-rouge/>

/ endereços eletrônicos consultados pela última vez em 02/06/2019.

FONTES

Bw Stretch | Atlas Grotesk

PAPEL

Munken Lynx Rough 120g

GRÁFICA

Ipsis Gráfica

ENCADERNAÇÃO

Encadernadora Duarte

